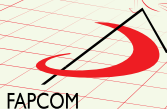
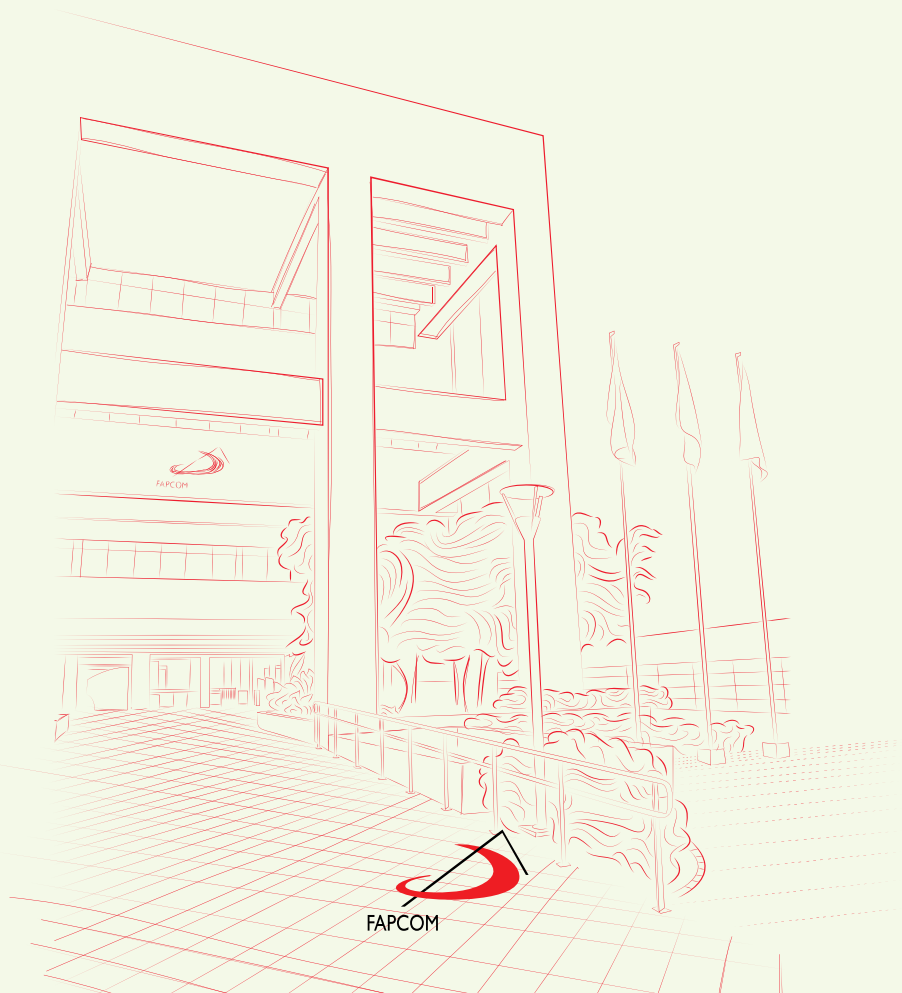


DAVID BRENDÓ SILVA

O TEMPO CÍCLICO E A HISTÓRIA LINEAR EM AGOSTINHO





COLEÇÃO E.BOOKS | FAPCOM

FILOSOFIA

O TEMPO CÍCLICO E A HISTÓRIA LINEAR EM AGOSTINHO

DAVID BREND O SILVA

O TEMPO CÍCLICO E A HISTÓRIA LINEAR EM AGOSTINHO



Coleção E.books Fapcom

A **Coleção E.books FAPCOM** é fruto do trabalho de alunos de graduação da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. Os conteúdos e temas publicados concentram-se em três grandes áreas do saber: filosofia, comunicação e tecnologias. Entendemos que a sociedade contemporânea é transformada em todas as suas dimensões por inovações tecnológicas, consolida-se imersa numa cultura comunicacional, e a filosofia, face a esta conjuntura, nos ocorre como essencial para compreendermos estes fenômenos. A união destas três grandes áreas, portanto, nos prepara para pensar a vida social. A Coleção E.books FAPCOM consolida a produção do saber e a torna pública, a fim de fomentar, nos mais diversos ambientes sociais, a reflexão e a crítica.

Conselho Científico

Alessandra Barros Marassi
Antonio Iraildo Alves de Brito
Claudenir Módolo Alves
Claudiano Avelino dos Santos
Jakson Ferreira de Alencar
Valdir José de Castro

Livros da Coleção E.books FAPCOM

A COMUNICAÇÃO NA IGREJA CATÓLICA LATINO-AMERICANA

Paulinele José Teixeira

ASCENSÃO DIALÉTICA NO BANQUETE

Iorlando Rodrigues Fernandes

COMUNICAÇÃO E AMBIENTE DIGITAL

Cinzia Giancinti

A ONTOLOGIA DA ALMA EM SÃO TOMÁS DE AQUINO

Moacir Ferreira Filho

**PARA REFLETIR O QUE A GENTE ESQUECIA:
ANÁLISE DE VIDEOCLIPES DA BANDA O RAPPA**

Talita Barauna

**NARRATIVAS DA FRONTEIRA:
INTERFACES ENTRE JORNALISMO E LITERATURA NAS
MEMÓRIAS DO CÁRCERE, DE GRACILIANO RAMOS**

Marcos Vinícius Lima de Almeida

O CINEMA TRASH E A RECICLAGEM DA INDÚSTRIA CULTURAL

Juliano Ferreira Gonçalves

**O TRATADO SOBRE AS DUAS NATUREZAS DE BOÉCIO
ASPECTOS FILOSÓFICOS DA CONTRAPOSIÇÃO
ÀS HERESIAS DE ÊUTIQUEUS E NESTÓRIO**

Gabriel Anderson Barbosa

O PROBLEMA DA FELICIDADE NA FILOSOFIA TRÁGICA DE NIETZSCHE

Gabriel Sanches Gonçalves

PEDRINHAS - A CIDADE E AS SOMBRAS
Guilherme Lazaro Mendes

BRANDING SENSORIAL: POTENCIAL E LIMITES
Amanda Mendes Zerbinatti

UM ESTUDO DO COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR
DE NARRATIVA TRANSMÍDIA BRASILEIRA
Fernanda Gonçalves dos Santos

COLCCI: DO FUNDO DO QUINTAL PARA SPFW- AS RELAÇÕES PÚBLICAS E O
MARKETING INTEGRADOS NO REPOSICIONAMENTO DA MARCA
Ynaia Alexandre Rosa

AS CONSEQUÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS DO PECADO ORIGINAL SEGUNDO
SANTO AGOSTINHO
Lucas Rodrigues Dalbom

FILOSOFIA DA NATUREZA EM ARISTÓTELES:
A TEORIA DAS QUATRO CAUSAS E ANECESSIDADE TELEOLÓGICA
Mário Henrique Miguel Pereira

ANÁLISE DO PERFIL JORNALÍSTICO NAS REVISTAS PIAUÍ E VEJA:
DOS PROTAGONISTAS DO COTIDIANO ÀS CELEBRIDADES E FIGURAS PÚBLICAS
Matheus Campos da Silva

APPLE E O COMERCIAL TELEVISIVO “1984”:
ASPECTOS CULTURAIS E SEMIÓTICOS NA FORMAÇÃO DE BRANDING DA MARCA
Thiago Neves

WE LOVE BOOK
Silas Tarso Sales

NO ESCONDERIJO DO VERSO: ANÁLISE DO DISCURSO
RELIGIOSO DO PADRE FÁBIO DE MELO
Marcelo Lopes Staffa

Direção Editorial

Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação Editorial

Claudenir Módolo Alves

Alessandra Barros Marassi

Produção Editorial

Editora Paulus

Capa

Gledson Zifssak

Diagramação

Lucas Fernandes

Revisão Gramatical

Cícera Gabriela Souza Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, David Brendo

O tempo cíclico e a história linear em Agostinho [livro eletrônico] / David Brendo Silva. --
São Paulo : Paulus, 2018. -- (Coleção E.books FAPCOM)

812 Kb ; ePUB

Bibliografia.

ISBN 978-85-349-4683-4

1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. A cidade de Deus 2. Cristianismo - Filosofia
3. Tempo 4. Tempo e história I. Título II. Série.

18-12701

CDD-100

Índices para catálogo sistemático:

1. Tempo cíclico e história linear : Filosofia 100

© PAULUS – 2018

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 – São Paulo – (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700 – Fax (11) 5579-3627

www.paulus.com.br

editorial@paulus.com.br

ISBN: 978-85-349-4683-4

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Sivanildo Lourenço e Claudete Maria; ao meu tio Manoel Ferreira; ao meu catequista Vicente Paula; e a todos os demais que contribuíram de alguma forma para que eu conhecesse o sentido da minha vida, o Senhor Jesus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo seu infinito amor e a sua Mãe, Maria Santíssima, por me conduzir a Ele; a Santo Agostinho, pelas graças alcançadas; a meus pais, pelo dom da vida; à congregação dos Padres e Irmãos Paulinos, por ter me dado a oportunidade e os meios necessários para realizar o curso de filosofia. Agradeço, de modo especial, a colaboração do Pe. Claudiano e do Frei Alexandre; ao professor Pedro Monticelli, por ser para mim um exemplo de empenho nos estudos, e também por seu incentivo e orientação segura neste trabalho; a meus amigos Leidson Farias e Conceição Mirandola, pela revisão deste trabalho; a Nivea Cruz, por facilitar o acesso aos livros da biblioteca; e a Maristela Trevisan, pelo auxílio na formatação. Enfim, aos demais amigos e colegas que me ajudaram com orações e incentivos.

A todos, a minha gratidão.

“O retorno dos séculos: alguns filósofos julgaram que, depois de completarem um determinado ciclo de séculos, as coisas voltariam a existir na mesma ordem e da mesma forma [...] Deste jogo burlesco não pode escapar a alma imortal, mesmo que tenha alcançado já a sabedoria: sem parar encaminhar-se-ia para uma falsa beatitude e, sem parar, voltaria a uma autêntica miséria. Como é que seria autêntica esta felicidade se a sua perenidade não é segura?”

(AGOSTINHO, 1993, p. 1111).

RESUMO

SILVA, David Brendo. O tempo cíclico e a história linear em Agostinho. São Paulo, 2016, 68f. (Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à banca Avaliadora da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, para a obtenção do título de bacharel em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Monticelli).

O presente trabalho trata da questão sobre o tempo histórico em Agostinho. E o problema que perpassa essa monografia é a descoberta dos fundamentos da crítica de Agostinho ao tempo cíclico que é também chamado de eterno retorno, assim como a apresentação da visão linear cristã da história que Agostinho contrapôs às teorias cíclicas. Todas essas questões são apresentadas a partir do livro doze de sua obra principal, que é *A Cidade de Deus*. E para a melhor compreensão dos argumentos desse grande doutor da Igreja Católica contra as teorias cíclicas, na primeira parte desse trabalho, são apresentados os pressupostos do seu pensamento sobre a história, o tempo, a eternidade e a felicidade. Já na segunda parte, se exploram as teorias cíclicas em suas origens, características e consequências. Enquanto na terceira parte, a teoria linear é examinada em seus princípios, desenvolvimento e também nas suas diferenças com as teorias cíclicas. Nesse mesmo capítulo, são apontados também os principais fundamentos e argumentos de Agostinho contra o tempo cíclico. Por fim, o trabalho é finalizado com uma breve síntese dos anseios que levaram o homem a criar os mitos do eterno retorno.

Palavras-chave: Tempo cíclico. História linear. Eternidade.

ABSTRACT

SILVA, David Brendo. The cyclical time and the linear history in Augustine. São Paulo, 2016. 68f. (Completion of the Course presented to the Evaluation Bank of Paulus College of Technology and Communication, to obtain a bachelor's degree in Philosophy, under the guidance of Prof. Dr. Pedro Monticelli).

The present task deals with the question about the historical time in Augustine. And the problem that runs through this monograph is the discovery of the foundations of Augustine's critique of the cyclical time that is also called the eternal return, as well as the presentation of the linear Christian view of history that Augustine countered cyclical theories. All these questions are presented from the twelve book of his main task which is The City of God. And for a better understanding of the arguments of this great doctor of the Catholic Church against cyclical theories, the first part of this work presents the assumptions of his thought on history, time, eternity and happiness. Already in the second part explores the cyclical theories in their origins, characteristics and consequences. Whereas in the third part the linear theory is examined in its principles, development and also in its differences with the cyclical theories. In this same chapter are also pointed out the main foundations and arguments of Augustine against the cyclical time. And finally the task is finished with a brief synthesis of the yearnings that led the man to create the myths of eternal return.

Key Words: Cyclic time. Linear history. Eternity.

SUMÁRIO

	Introdução	14
1	Agostinho e a Obra <i>A Cidade de Deus</i>	19
1.1	Breve biografia	19
1.2	As motivações de agostinho para escrever <i>A Cidade de Deus</i>	20
1.3	A estrutura e o conteúdo da obra <i>A Cidade de Deus</i>	21
1.4	O modo como agostinho pensou a história na obra a <i>Cidade de Deus</i>	22
1.5	Alguns pontos fundamentais para entender a crítica ao tempo cíclico no livro doze	23
1.5.1	Deus cria a partir do nada	24
1.5.2	O Tempo	24
1.5.3	A eternidade	26
1.5.4	A origem do mundo	28
1.5.5	A criação do homem	28
1.5.6	A felicidade	30
2	O Tempo Cíclico	33
2.1	O tempo cíclico e sua origem	33
2.2	Os tipos de teorias cósmicas cíclicas e os mitos das eras	35
2.3	A abolição da história no tempo cíclico	37
2.4	As doutrinas filosóficas gregas antigas e as teorias cíclicas	40
2.5	As ideias platônicas e o tempo cíclico	42
2.6	As retomadas históricas do tempo cíclico	45
3	O Tempo Linear	48
3.1	Os princípios do pensamento linear	48
3.2	A linearidade no cristianismo	50
3.3	O tempo linear e a importância da liberdade divina e humana	52
3.4	Resquícios e semelhanças entre o sistema cíclico e o linear cristão	55
3.5	Os fundamentos da crítica de agostinho ao tempo cíclico	57
3.6	Os principais argumentos de agostinho contra o tempo cíclico	60
	Considerações finais	65
	Referências bibliográficas	69

INTRODUÇÃO

Este presente trabalho tem por problema central descobrir quais são os fundamentos que estruturam a crítica de Agostinho ao tempo cíclico no livro doze de sua obra *A Cidade de Deus*. Isso significa compreender também o seu pensamento cristão da história linear, que ele contrapôs às teorias do tempo cíclico.

O objetivo geral almejado nesta monografia, com tal problema em Agostinho, é refletir filosoficamente sobre o tempo histórico a partir de uma perspectiva linear cristã e também a partir da visão cíclica antiga, mostrando ainda o embate histórico entre essas visões. Nesse sentido, alguns objetivos específicos são: indicar o modo como o homem antigo olhava para o seu tempo de vida, como ele encarava os fatos históricos, e como ele buscava sair da temporalidade e entrar na eternidade. Dessa forma o leitor poderá refletir sobre como a história é vista e vivida hoje pelas pessoas que aderem a uma ou a outra dessas concepções.

A crítica ao tempo cíclico e a história linear em Agostinho estão dentro do clássico embate filosófico sobre o tempo histórico. Tal embate é relevante, porque foi abordado em vários períodos da filosofia por grandes filósofos. E ainda hoje continua a ser estudado e debatido por estudiosos de diversas áreas do conhecimento.

Os filósofos que sustentaram a teoria do tempo cíclico, que também é chamado de eterno retorno, argumentavam que o homem e a natureza vivem no tempo em contínuos ciclos que se renovam. Essas doutrinas filosóficas cíclicas advieram de mitos religiosos dos mais primitivos povos da terra. Delas, muitos pensadores tiraram princípios para pensar na finalidade e na existência do cosmo e do homem.

Já os filósofos que defenderam a linearidade afirmaram que a história segue um curso linear no qual os acontecimentos são únicos, e que a história tende para uma determinada meta. A linearidade teve a sua origem no judaísmo, e depois foi mais desenvolvida com o cristianismo, por isso o seu início é mais recente que a concepção cíclica.

O pensamento de Agostinho, que é considerado o criador da filosofia da história, é um dos mais influentes nesse embate entre o

tempo cíclico e o linear. E sobre a importância de seu pensamento, disse o Papa Leão XIII (1883, p. 6, tradução nossa)¹ :

O próprio Agostinho, grande doutor da igreja, foi o primeiro entre todos a delinear e elaborar uma filosofia da história. Os que vieram depois dele e que deixaram pegadas dignas de recordação, nesse mesmo ramo de estudo, o tomaram por mestre e guia, bebendo o quanto puderam em suas meditações e escritos.

De acordo com Agostinho, a história teve um princípio e terá um fim que será sucedido por uma eternidade sem volta e isso é incompatível com as teorias cíclicas. Os fundamentos desse pensamento serão então o objeto de estudo de nosso trabalho.

A hipótese que será verificada nessa monografia é a de que um dos fundamentos principais da crítica de Agostinho ao tempo cíclico é o fato de que, no eterno retorno, a encarnação de Deus na história não seria um fato único e central e assim os homens não teriam uma redenção definitiva.

A outra hipótese a ser verificada é a necessidade da eternidade para que a felicidade do homem seja plena. Pois, para Agostinho, é impossível que haja verdadeira felicidade para alguém quando todos vivem em contínuos ciclos, transitando entre a vida natural e a sobrenatural, sem a posse segura do bem maior que é Deus.

Para entender a crítica que Agostinho fez ao tempo cíclico, é necessário ter em vista que ele não irá tratar diretamente das origens míticas presentes nessas doutrinas filosóficas do eterno retorno. Agostinho terá por alvo as teorias filosóficas já maduras do neoplatonismo e do platonismo, que trabalharam esses mitos e desenvolveram teorias sobre o cosmo, o tempo e o destino, a partir dessa base mítico-religiosa.

1 *Ipsis litteris: Proprio Agostino, grande dottore della Chiesa, primo fra tutti delineò ed elaborò la filosofia della storia. Fra quanti sono venuti dopo, coloro che hanno fatto riferimento allo stesso Agostino come maestro e guida e si sono formati accuratamente sui suoi scritti e sulle sue meditazioni, hanno ottenuto risultati degni di menzione in questo settore. L'errore ha invece più e più volte distolto dal vero coloro che si sono allontanati dalle orme di un così grande uomo, perché nell'analizzare i percorsi e le vicende degli Stati non compresero le autentiche cause che regolano gli eventi umani.*

Mas como uma das pretensões deste trabalho é entender, de modo satisfatório, o que é o tempo cíclico, para compreender melhor os fundamentos da crítica de Agostinho, serão abordadas, então, as suas origens mitológicas, a partir da concepção do historiador, mitólogo e filósofo Mircea Eliade (1907-1986), que se dedicou a estudar profundamente esse assunto do tempo cíclico.

Para explicar o tempo cíclico, Eliade, no seu livro *Eterno Retorno: Cosmo e História* (1954), irá se referir constantemente aos mitos e às teorias filosóficas advindas deles. Assim, ele usará muito a expressão “mítico-filosófica” para falar de alguma doutrina que envolva o tempo cíclico. Isso não significa que essas teorias cíclicas se tratem simplesmente de mitos, pois eram sólidos sistemas racionais que tiveram influência dos mitos, mas que depois evoluíram para grandes teorias filosóficas e até científicas da história do homem e do cosmo.

Eliade não tratará especificamente só do mito em si, e nem abordará o termo “eterno retorno” dentro da perspectiva nietzscheana. Pois ele usará de suas concepções filosóficas próprias para explicar as doutrinas antigas do tempo cíclico, que é o foco do seu estudo. Para isso ele partirá do mito, o que faz necessário ao leitor que tenha pelo menos uma compreensão básica do que seja esse tipo de narrativa, para assim entender melhor as doutrinas filosóficas do tempo cíclico. Uma boa introdução, que ajudará a entender a forma como Eliade abordou os mitos cíclicos, pode ser encontrada no dicionário de filosofia de José Ferrater Mora (1978, p. 187):

MITO – Chama-se mito a um relato de algo fabuloso que se supõe que aconteceu num passado remoto e quase sempre impreciso. Os mitos podem referir-se a grandes feitos heroicos que, com frequência são considerados como fundamento e o começo da história de uma comunidade ou do gênero humano em geral. Podem ter como conteúdo fenômenos naturais, e nesse caso costumam ser apresentados alegoricamente. Muitas vezes, os mitos comportam a personificação de coisas ou acontecimentos.

Dentre as várias perspectivas de abordagem possíveis sobre o mito, Eliade explorou aquelas que dão suporte para uma pesquisa social dos vários paradigmas de práticas culturais que têm por trás o tempo cíclico. Vejamos o seu olhar sobre o mito:

Os mitos preservam e transmitem os paradigmas, os modelos exemplares, para todas as atividades responsáveis a que o homem se dedica. Em razão desses modelos paradigmáticos, revelados ao homem em tempos míticos, o cosmo e a sociedade são regenerados de maneira periódica (ELIADE, 1992, p. 9).

Segundo o referente trecho, os mitos preservam e transmitem paradigmas e modelos sociais. Essas narrativas mitológicas estão ligadas à forma como o homem vai construindo a sua história e cultura e que, de certa forma, permitem enxergar o plano de fundo das teorias filosóficas cíclicas.

Como Agostinho não estava muito preocupado em explicar as origens das teorias cíclicas, mas sim em refutar suas consequências no pensamento filosófico e religioso, usaremos aqui da profundidade de Mircea Eliade nesse assunto e dos relevantes comentários filosóficos sobre o desenvolvimento do eterno retorno, que fez Juan Cruz Cruz.

Já para expor a proposta cristã de Agostinho sobre linearidade da história utilizaremos os comentários de Henry Marrou e também os de Jacques Maritain. E para dar suporte no entendimento dos conceitos de Agostinho, nos serviremos de modo especial da contribuição de Étienne Gilson e de alguns outros comentadores.

Quanto à estrutura desse trabalho, no primeiro capítulo será apresentado um breve histórico de Agostinho e seu contexto. De maneira sintética será mostrada sua forma de pensar a história a partir de sua obra *A Cidade de Deus*. Em seguida, serão apontados alguns conceitos fundamentais para entender a sua crítica ao tempo cíclico no livro doze dessa mesma obra.

O segundo capítulo será especialmente dedicado ao tempo cíclico. Nesse capítulo veremos a origem do eterno retorno, as suas variações teóricas, as suas consequências e o seu desenvolvimento no povo grego antigo, além de sua evolução e sobrevivência no decorrer da história.

Já o terceiro capítulo será reservado para o tempo linear e para os fundamentos da crítica de Agostinho ao tempo cíclico. Nesse capítulo será apresentada a origem da linearidade histórica no povo judeu, seu progresso no cristianismo, seu desenvolvimento histórico, suas consequências para a liberdade do homem e suas semelhanças com o tempo cíclico. Por fim, veremos os argumentos próprios de Agostinho contra as teorias cíclicas, para depois, nas considerações finais, refletirmos e associarmos os pressupostos lineares de Agostinho em sua crítica ao eterno retorno com os princípios cíclicos apresentados por Eliade.

A crítica de Agostinho ao eterno retorno está dentro de sua filosofia da história, e dada a escassez de pesquisas sobre esse tema no Brasil, se torna justificável uma pequena reflexão sobre esse assunto, o que é a pretensão deste trabalho. Feita toda essa introdução, iniciemos então pela exposição sobre Agostinho e sua obra *A Cidade de Deus*.

1 AGOSTINHO E A OBRA *A CIDADE DE DEUS*

1.1 Breve Biografia

Aurelius Augustinus (354 – 430 d.C.) nasceu em Tagaste e morreu em Hipona, cidades que se situavam ao norte do continente africano, onde atualmente está o país da Argélia. Agostinho foi filho de Patrício e Mônica e recebeu desde a sua infância os ensinamentos básicos da educação cristã de sua época. Porém, não foi logo batizado desde a sua juventude por uma opção de sua mãe, que temia que o filho viesse a pecar em sua mocidade.

Agostinho teve uma educação privilegiada e, por isso, aos vinte anos de idade, tendo concluído seus estudos superiores, se tornou professor de gramática e retórica. Durante esse tempo, ele teve contato com a filosofia de Cícero e mais tarde com a doutrina maniqueísta, da qual se tornou adepto por muito tempo, pois mesmo tendo uma educação cristã ele não entrou para o cristianismo de imediato, deixando-se arrastar por suas paixões numa vida desregrada.

Mesmo assim, o coração de Agostinho vivia inquieto e angustiado, e segundo Étienne Gilson (2010, p. 434): “[...] ele jamais deixou de acreditar que, de certo modo, Cristo era a única via que conduziria o homem à beatitude; e jamais se deu um grande exemplo ao jovem Agostinho com o qual ele não se inflamasse de desejo em imitá-lo”. Assim, no ano de 386, aos 32 anos de idade, ele se converteu definitivamente ao cristianismo.

Alguns anos mais tarde, Agostinho foi ordenado presbítero e depois foi sagrado bispo de Hipona, cidade na qual faleceu aos 75 anos de idade. Agostinho deixou escrito um vasto número de obras de grande importância para a filosofia, a teologia, a história e muitas outras áreas do conhecimento humano. E dentre essas obras, a *De Civitate Dei* (*A Cidade de Deus*), que foi considerada por ele mesmo como a sua grande obra.

1.2 As motivações de Agostinho para escrever *A Cidade de Deus*

Vivendo em um período de grande turbulência no Império Romano, turbulência essa estendida a toda Europa ocidental, por causa das invasões bárbaras, das crises econômicas e da decadência moral, Agostinho vê-se interpelado a defender e orientar os cristãos através dos seus escritos. Isso porque nas cidades do Império Romano, os cristãos estavam sendo acusados pelos gentios de serem os maiores culpados por todas essas crises, visto que, com a chegada da cristandade, foi proibido o culto aos deuses antigos do império e mudou-se também o modo de viver de muitas pessoas.

Com a invasão e a queda de Roma em 410, por Alarico, muitos gentios passaram a perseguir e a criticar os cristãos de forma mais intensa. E muitos dos eclesiásticos da época de Agostinho esperavam dele alguma obra que viesse a defender a fé cristã, que estava sendo muito combatida por filósofos seculares, e que viesse também iluminar e esclarecer o momento histórico pelo qual passavam.

Devido a esses ataques e a todos os anseios de resposta, Agostinho se comprometeu a escrever uma obra que respondesse a essas necessidades de sua época, que seria *A Cidade de Deus*. Vejamos:

Os adoradores de uma multidão de deuses falsos, que chamamos originalmente de pagãos, esforçando-se em atribuir sua destruição à religião cristã, começaram a blasfemar contra o Deus verdadeiro mais desapiadada e amargamente que o acostumado. Por isso eu, ardendo de zelo pela casa de Deus, decidi-me a escrever contra suas blasfêmias e erros os livros da *Cidade de Deus*, que toma o título de cidade melhor, e que me ocuparam alguns anos (AGOSTINHO, L.2, 43 apud CALVO, 2013, p. 15, tradução nossa²).

2 *Ipsis litteris: Los adoradores de una multitud de dioses falsos, que llamamos originalmente paganos, esforzándose en atribuir su destrucción a la religión cristiana, comenzaron a blasfemar contra el Dios verdadero más despiadado y amargamente de lo acostumbrado. Por eso yo, ardiendo del celo de la casa de Dios, me decidí a escribir contra sus blasfemias y errores los libros de La Ciudad de Dios, que toma el título de la ciudad mejor, que llamamos La Ciudad de Dios, y que me ocupó algunos años.*

A Cidade de Deus é uma obra da fase madura de Agostinho, que levou treze anos para ser concluída, pois Agostinho começou a escrevê-la a partir do ano 413 e a concluiu em 426. Em todo esse tempo, ele escreveu minuciosamente cada um dos vinte e dois livros que a compõem e por isso ele a chamou de: “*magnum et arduum opus*” (Sua maior e mais difícil obra).

1.3 A estrutura e o conteúdo da obra *A Cidade de Deus*

A obra *A Cidade de Deus* foi dividida por Agostinho em duas partes: a primeira, que compreende os dez primeiros livros, é direcionada para refutar os gentios e a cultura pagã, enquanto a segunda, que contém os doze livros restantes, é voltada para expor a doutrina cristã e a origem dos dois povos ou cidades que compõem a história.

Essa grande obra de Agostinho tem um caráter histórico fortemente acentuado, pois retrata a história da humanidade na sua origem, no seu desenvolvimento e no seu fim. Essa história é constituída por dois povos que compõem duas cidades: *A Cidade de Deus*, que é formada pelos homens e anjos que amam e fazem a vontade do seu criador, que é Deus; e a cidade terrena, que é formada pelos homens e anjos que fazem sua própria vontade e desprezam a Deus.

Assim resumiu o próprio Agostinho (1993, V. 2, L. 14, 23, p. 1319) as características dessas duas Cidades: “Dois amores fizeram as duas cidades: o amor de si até ao desprezo de Deus – a terrestre; o amor de Deus até ao desprezo de si – a celeste”.

Agostinho também mostrou que esses dois tipos de povos viveram sempre juntos no decorrer da história e que só serão separados no juízo final por Deus. Então, cada um seguirá o seu destino: *A Cidade de Deus* para a felicidade plena nos céus, e a cidade terrena para a condenação eterna no inferno.

Toda a obra *A Cidade de Deus* é perpassada pelas Sagradas Escrituras e supõe a fé na revelação cristã, principalmente na sua segunda parte. Mas Agostinho não deixa de lado o forte uso da razão nessa sua produção, que na primeira parte responde e combate a muitas oposições filosóficas de sua época e também convida a crer no Deus do

cristianismo. Além disso, Agostinho usou de abundantes fontes e fatos históricos para compilar cada um dos vinte e dois livros. Por isso, essa obra foi escrita tanto para os fiéis quanto para os gentios.

1.4 O modo como Agostinho pensou a história na obra *A Cidade de Deus*

Ao olhar para a história, Agostinho pensou em sua totalidade abrangendo desde a misteriosa questão de sua origem até também a difícil questão do seu desenrolar final no tempo. E para explicar isso, ele expôs também as realidades eternas que estão além da história, mas que a influenciaram. Ele sinalizou que a graça (que vem de Deus) e o pecado (que vem do mau uso do livre-arbítrio) são fatores importantes, pois o primeiro gerou *A Cidade de Deus* e o segundo a cidade terrena, e ambos os fatores influenciarão no destino final dessas duas cidades. Assim diz Agostinho (1993, V. 2, L. 15, 3, p. 1329): “A natureza viciada pelo pecado gera cidadãos da cidade terrestre, mas a graça, que liberta a natureza do pecado, gera cidadãos da cidade celeste”.

Porém, um fator importante é que quando Agostinho pensou nos homens que compõem a história, ele não os dividiu dentro de um dualismo entre o bem e o mal como fez o pensamento maniqueu. O mal, para Agostinho, é uma perversão da natureza boa, que só pode existir nela, e por isso o mal corrompe a natureza do ser que é bom e o faz se aproximar do nada (o não ser). Portanto, o mal não tem a mesma força que o bem, porque o mal não pode existir por si mesmo. Dessa forma, o pensamento de Agostinho é contrário às ideias maniqueias.

Dentro dessa perspectiva do bem e do mal presente na história é difícil distinguir uma cidade da outra, ou a qual delas um homem pertence. E enquanto a história acontece, os dois tipos de cidadãos convivem juntos e podem passar de uma cidade para outra pelo seu livre-arbítrio, que pode ser conduzido tanto pela graça como pelo pecado. Assim, o destino final de cada homem que vive na terra está sempre em aberto por causa do seu livre-arbítrio, que pode escolher o seu destino e mudar o seu rumo.

Entretanto, Agostinho mostrou que Deus não pode ignorar o destino de cada pessoa e por isso sabe quem vai se perder e quem vai ser salvo. E só é possível a salvação através da graça de Deus, que ele

concede aos seus eleitos para justificá-los, mas não a concede de modo abundante aos réprobos que vão se perder.

Esta é a predestinação dos santos e não outra coisa, ou seja, presciência de Deus e preparação dos seus favores, com os quais alcançam a libertação todos os que são libertados. Os demais, porém, por um justo juízo divino são abandonados na massa da perdição, onde foram abandonados os tírios e os sidônios, os quais também poderiam crer, se tivessem presenciado os maravilhosos sinais de Cristo. Mas como não foi-lhe dado crer, foi-lhes negada à perseverança na fé (AGOSTINHO, 1999, C. 14, 35, p. 248).

Com isso, entra-se na polêmica questão da predestinação em Agostinho, que não será objeto de estudo deste trabalho e que o próprio Agostinho não ousou responder de forma definitiva. “Assim, a última palavra de Agostinho sobre esse problema obscuro é uma confissão de ignorância: o homem se inclina diante de um mistério que ele não pode escutar” (GILSON, 2010, p. 297).

Dada a abrangência do olhar de Agostinho sobre a história, este trabalho tem por foco a sua crítica ao tempo cíclico e a sua proposta da história linear dentro do livro doze da *Cidade de Deus*, que é abordado entre os capítulos quatorze e vinte e um deste mesmo livro.

1.5 Alguns pontos fundamentais para entender a crítica ao tempo cíclico no livro doze

No livro doze da *Cidade de Deus*, Agostinho tratou de vários assuntos que fundamentaram a sua crítica ao tempo cíclico. Assim, antes de entrar diretamente nessa questão central, se faz necessário apresentar alguns pontos que ajudarão a entender melhor o pensamento de Agostinho. Em vista disso serão explicitados, de modo sintético, os conceitos que ele tinha sobre a criação a partir do nada, o tempo, a eternidade, a criação do mundo, a criação do homem e a beatitude. Cada um desses temas, por si só, daria um vasto trabalho, portanto

a pretensão aqui é só dar uma breve base para entender o problema central deste trabalho.

1.5.1 Deus cria a partir do nada

Na concepção de Agostinho, Deus que é eterno é o ser por excelência e por sua vontade pode criar outros seres. Ele, para criar, diferentemente do homem, não precisa de matéria pré-existente para dar origem a alguma obra. Além disso, só Deus pode criar o ser de alguma coisa, pois para ele basta que queira e a coisa acontece a partir do nada, como explica Étienne Gilson (2010, p. 358):

O que o ato criador significa é, portanto, a produção do ser daquilo que é, e essa produção é possível unicamente para Deus, porque somente ele é o ser: [...] Assim, sem qualquer matéria pré-existente, Deus quis que as coisas fossem e elas foram; isso é precisamente o que se denomina criar ex nihilo” (A partir do nada).

Assim, Deus chamou à existência aquilo que não era e deu o ser de cada coisa. Porém, na concepção de Agostinho, o ser das coisas não faz parte da substância de Deus, pois se assim fosse essas coisas seriam divinas e imutáveis. Por isso as coisas criadas estão mais próximas do não ser (o nada), do que do ser (Deus). E se elas existem é por causa da vontade imutável de Deus que as sustenta.

1.5.2 O tempo

O tempo é outra questão complexa que Agostinho explorou bastante, mas que ele não chegou a responder com uma definição só. Isso porque, em Agostinho, “o termo tempo tem quatro sentidos: psicológico, físico, moral e histórico” (QUINN, 2007, p. 1353, tradução nossa)³.

O tempo psicológico em Agostinho é aquele pelo qual a alma de uma pessoa pode medir o passado pela memória e esperar o futuro através da expectativa. Esse tipo de tempo é o que perpassa toda a sua obra

3

Ipsis litteris: Il termine há quatro significati: psicológico, físico, morale e stórico.

“*Confissões*”. Já o tempo físico é aquele que é a medida do movimento e que existe independentemente do pensamento do homem. O tempo psicológico não pode existir sem esse tempo físico (QUINN, 2007, p. 1357).

Já o tempo moral em Agostinho é aquele que emergiu após o pecado original⁴ e que é caracterizado pelas desordens do homem no universo. É o tempo do homem que se afastou do bem eterno e que por isso adquiriu a tendência de se temporalizar moralmente (QUINN, 2007, p. 1359).

O tempo histórico será o tempo moral pensado em relação ao passado. Passado esse que se relaciona também com o tempo psíquico e físico, mas que para além deles exige mais ainda, para a sua compreensão, a fé sobrenatural na revelação cristã (QUINN, 2007, p. 1360). É esse sentido histórico do tempo em Agostinho que será o mais usado em sua obra *A Cidade de Deus*, de modo especial na sua crítica ao tempo cíclico.

Para Agostinho, o tempo é considerado como uma criação de Deus, dado que ele não existia na eternidade.

Que tempo poderia existir se não fosse estabelecido por ti? [...] De fato, foste tu que criaste o próprio tempo, e ele não podia decorrer antes de o criares. Mas se antes da criação do céu e da terra não havia tempo, para que perguntar o que fazias então? Não podia existir um “então” onde não havia tempo (AGOSTINHO, 1997, L 11, 15, p. 341).

O tempo tem por característica ser um instante presente que tende a não existir. Explica Agostinho (1997, L.11,14, p. 342-343):

No entanto posso dizer com segurança que não existiria um tempo passado, se nada passasse; e não existiria um tempo futuro se nada devesse vir; e não haveria um tempo presente se nada existisse [...]. Portanto se o presente, para ser tempo, deve torna-se passado, como poderemos

4 Sobre esse conceito, cf. GILSON, Introdução ao *Estudo de Santo Agostinho – O pecado e a graça*, p. 286-287.

dizer que existe, uma vez que sua razão de ser é mesma pela qual deixará de existir? Daí não poderemos falar verdadeiramente da existência do tempo, senão enquanto tende a não existir.

Como foi mostrado, o tempo depende de três etapas: passado, presente e futuro; e sua existência se dá no instante presente que passa, pois sua característica é a mudança contínua. Segundo Agostinho, o tempo também está intrinsecamente ligado à alma do homem que vive esse instante presente recordando o passado ou esperando o futuro.

Há também a diferença entre tempo e eternidade, pois o tempo é mutável e tende a passar, enquanto a eternidade é imutável e sempre presente. E de acordo com Agostinho (AGOSTINHO, 1993, V. 2, L. 11, 6, p. 1001), a verdadeira diferença entre a eternidade e o tempo consiste em que não há tempo sem mudança sucessiva, ao passo que a eternidade não admite mudança alguma. Portanto, como o homem está no tempo ele também pensa e vive de forma fragmentária, ao passo que Deus vive e pensa de forma plena e está sempre presente.

1.5.3 A eternidade

A eternidade em Agostinho é a duração que não tem princípio e nem fim. A eternidade é imutável e nela não há fragmentação de momentos e por isso nela não há passado e nem futuro, mas só o presente. E isso porque ela é um dos atributos de Deus. Vejamos: “‘Eterno’ tem dois significados fundamentais. No sentido estrito, designa aquilo que não tem começo nem fim, é propriamente predicado que cabe a Deus. É raro que outras realidades que não Deus sejam ditas eternas” (QUINN, 2007, p. 669, tradução nossa⁵).

Por ser uma totalidade imóvel, a eternidade abarca em si o tempo e o sustenta. Pois o tempo teve origem nela e, de certa forma, ele é uma marca dela, ainda que de modo mutável. Assim, o tempo reflete a eternidade e as coisas que nele são duradouras apontam para aquilo que é eterno. “Pois estes tempos, a que agora se refere, os quais se distinguem por intervalos, significam que sobre eles permanece a

5 *Ipsius litteris*: Eterno ha due significati fondamentali. In senso stretto significa ciò che è senza inizio e senza fine ed è propriamente predicato di Dio; solo raramente gli esseri diversi da Dio sono denominati eterni.

eternidade imutável, de modo que o tempo apareça como sinal, ou seja, vestígio da eternidade” (AGOSTINHO, 2005, C. 13, 38, p. 625).

Continua ainda Agostinho (1997, L. 11, 13, p. 340):

Na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Verá então que o passado é compelido pelo futuro, que o futuro nasce do passado, que o passado e o futuro têm suas origens e existências naquele que é sempre presente.

Como foi apontada, a eternidade é uma constante permanência presente que não passa. E ela está sempre em sua totalidade sem divisões. E também é possível perceber que Agostinho não a distingue de Deus, pois Deus é eterno. Além disso, o tempo tem a sua subsistência sustentada em Deus. Portanto, o conhecimento divino, que é eterno, abarca em si todos os tempos passados, presentes e futuros e ele tem a presciência de todos os acontecimentos temporais:

Em Deus não há, como em nós, previsão do futuro, a visão do presente e a recordação do passado, é totalmente diferente sua maneira de conhecer, ultrapassando, muito acima e de muito longe, os nossos hábitos mentais. Ele vê com um olhar absolutamente imutável, sem levar o seu pensamento de um objeto a outro. Por conseguinte, o que se passa no tempo compreende, certamente, não só acontecimentos futuros que ainda não são, mas também presentes que já são e passados que já não são. Mas ele abarca-os todos na sua estável e sempiterna presença (AGOSTINHO, 1993, V. 2, L. 11, 21, p. 1037).

Dadas essas características próprias da eternidade, e sua relação com o tempo, é necessário ter em mente que esses conceitos perpassaram muitas vezes a concepção de Agostinho sobre o tempo histórico e sua filosofia da história.

1.5.4 A origem do mundo

Apoiado nas Sagradas Escrituras, Agostinho foi da concepção de que Deus quando criou o mundo, o fez a partir de uma matéria informe que ele mesmo criou e depois aprimorou dando-lhe a forma que tinha em mente. “Ora, o que é a forma senão uma participação nas regras eternas de Deus? Essa fixação e estabilização da matéria pela forma de que resulta o ser é, então, o que pensa Agostinho, sobretudo quando fala em criação” (GILSON, 2010, p. 385).

A concepção da palavra “mundo” em Agostinho, dentro do livro doze, envolve o que ele entende pela palavra “terra” nas escrituras: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1, 1). Por terra, ele entende essa matéria informe que Deus criou e depois aperfeiçoou com a forma, transformando-a no universo ordenado e belo em que vivemos. “Desta terra invisível e sem ordem, dessa informidade, deste quase nada, fizeste tudo aquilo de que é formado este mundo mutável [...]” (AGOSTINHO, 1997, L. 12, 8, p. 370). Por céu ele não entende o céu da terra, mas a realidade espiritual onde estão os anjos que contemplam e habitam com Deus, mas que não são coeternos com ele.

Ainda segundo Gilson (2010, p. 382), para Agostinho o mundo foi criado no tempo ou junto com ele e, nesse momento, se iniciou a história a partir da criação. Assim o mundo também não é eterno, pois teve um princípio. E quando se fala da palavra princípio, Agostinho não a entendeu significando o início do tempo, mas significando que a criação foi realizada por Deus Pai, através de seu Filho, segunda pessoa da Santíssima Trindade, o Verbo eterno, que é Jesus Cristo. “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus [...]. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,1-3).

1.5.5 A criação do homem

A criação do homem é outro tema de grande complexidade acerca do qual Agostinho muito pensou e contribuiu, mas para esse tema ele só propôs explicações hipotéticas, devido ao mistério que envolve esse assunto e a falta de algumas informações mais precisas nas Sagradas Escrituras.

De acordo com a definição mais genérica de Agostinho, que faz parte da concepção dos gregos antigos, o homem é: “um animal racional que está submetido à morte” (AGOSTINHO, 1994, L. 7, 3, p. 246). Essa racionalidade que o diferencia dos outros animais vem de sua parte mais nobre, que é alma, pois o homem é composto de corpo e alma racional.

Quando Deus criou a alma do homem, ele a fez à sua imagem e semelhança. “[...] O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, porque não foi nas linhas corporais, mas em certa forma inteligível da mente iluminada” (AGOSTINHO, 2005, L. 3, 20, p. 109). E Deus, a partir do limo da terra, criou também o corpo do homem, compondo assim o homem total. “Agostinho admite inicialmente que o Gênesis 1, 26-27 (primeiro relato da criação do homem) designa a produção da alma do homem, e que Gênesis 2,7 (segundo relato da criação do homem) designa a formação do corpo humano” (GILSON, 2010, p. 394).

A condição de mortalidade, que diferencia o homem dos anjos, é consequência do pecado de Adão e Eva que foram os primeiros humanos criados por Deus. E como neles toda a humanidade estava presente em germe, quando eles pecaram toda a humanidade herdou a morte como consequência dessa transmissão do pecado de seus primeiros pais. “Eis porque, como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 1,12).

Explica Agostinho (1993, V. 2, L. 13, 13, p. 1187):

Ainda não tinha sido criada nem distribuída a cada um de nós a forma na qual cada um de nós devia viver individualmente, mas já existia a natureza seminal de que havíamos de nascer. E estando esta corrompida pelo pecado, aprisionada nas cadeias da morte, justamente castigada – do homem não podia nascer um homem de condição diferente.

Entretanto, Deus ao criar o homem não o fez nessa condição de ter que passar pela morte, pois o projeto de Deus para o homem era que esse, após um tempo no jardim do Éden, passasse ao paraíso e vivesse eternamente. E para resgatar o homem dessa submissão à morte e ao pecado foi que Deus enviou o seu Filho ao mundo. “Se, com efeito, pela

falta de um só a morte imperou através desse único homem, muito mais os que recebem a abundância da graça e dom da justiça reinarão na vida por meio de um só, Jesus Cristo” (Rm 5,17).

Quanto ao momento da criação do homem, Agostinho (1993, V. 2, L. 11, 8, p. 1105) acreditava que seria num tempo não muito distante de nosso milênio:

Também alguns escritos eivados de mentira os enganam. Citam esses escritos em seu apoio e dizem que a história tem já muitos milhares de anos. Todavia, segundo a Sagrada Escritura, nem sequer contamos ainda com seis milênios completos desde a criação do homem.

E por mais que Deus possa ter criado tudo num único instante e o universo já tenha milhares de anos desde a criação, Deus não quis concluir toda sua obra de uma só vez, mas criou as causas para que algumas coisas em sua obra fossem se realizando plenamente com o tempo. Isso se chama razão seminal. E para Agostinho isso aconteceu na criação de algumas espécies de animais e dentre elas, a do homem. Conclui Agostinho (2005, L. 6, 5, p. 209):

Portanto, de um modo (Deus) criou então, ou seja, em potência e em causa, como convinha àquela obra pela qual criou todas as coisas ao mesmo tempo, das quais descansou no sétimo dia, e de outro, agora, como vemos, as coisas que cria no decurso do próprio tempo com o trabalho que faz até agora. Eva foi feita do costado de seu marido nestes dias bem conhecidos de luz corporal que acontecem pelo curso do sol. Com efeito, Deus modelou, então, servindo-se da terra, os animais e as aves.

1.5.6 A felicidade

O conceito de felicidade ou beatitude em Agostinho é um dos grandes fundamentos de sua crítica ao tempo cíclico. Isso porque a beatitude consiste em gozar sempre do bem maior e verdadeiro que é Deus. “Isso significa ser necessário (para a felicidade) que se procure

um bem permanente, livre das variações da sorte e das vicissitudes da vida. [...] Logo, quem possui a Deus é feliz” (AGOSTINHO, 1998, C. 2, 10, p. 129-131).

Todo homem tem o desejo de ser feliz e esse desejo, na concepção de Agostinho, foi colocado por Deus para que os homens o busquem. No entanto para serem felizes, os homens devem saber desejar e escolher o bem maior acima dos outros bens. E a filosofia pode ser um bom meio para homens aprenderem a buscar a felicidade. “[...] É um dos papéis da filosofia ensinar aos homens o meio de se tornarem felizes” (AGOSTINHO, 1995, V. 3, L. 18, 38, p. 1810).

Então a beatitude está estreitamente ligada com a sabedoria, pois o homem que não for sábio para desejar acima de todas as coisas o verdadeiro bem, que é Deus, colocará outro bem inferior em seu lugar e cairá no erro. “Ora, quem quer que, consequentemente, deseja aquilo que não deveria desejar não deixa de estar no erro” (AGOSTINHO, 1995, L. 2, 2, p. 107). Por esse motivo, para Agostinho, todos os homens desejam ser sábios e felizes, mas muitos, querendo ser felizes, acabam escolhendo apenas um bem aparente e não o sumo bem.

Além da sabedoria, existe outra condição para que o homem alcance a beatitude, e esta é a verdade, pois de acordo com Agostinho, ninguém deseja que sua felicidade seja falsa e também ninguém quer se enganado. E se alguém busca uma felicidade falsa é porque erroneamente a considera verdadeira, mas um dia se dará conta de seu erro. Assim diz Agostinho (1997, L. 10, 23, p. 296):

Pergunto a todos se preferem gozar da verdade ou da falsidade. E todos com firme solução dizem preferir a verdade, como também afirmam querer ser felizes. Felicidade é gozo da verdade, o que significa gozar de ti que és a verdade, ‘ó Deus, minha luz e salvação de minha face’.

Tanto a Sabedoria plena como a suma Verdade para Agostinho são o próprio Deus, sendo assim, elas são condições para se chegar à beatitude, que é o poder gozar da presença desse ser supremo. E essa posse de Deus está mais ligada ao espírito, do que ao corpo do homem, “pois a beatitude é um bem do espírito que a perda de todos os bens materiais não poderia comprometer em nada” (GILSON, 2010, p. 21).

Desfrutar completamente de Deus o quanto puder, antes do juízo final, só é possível ao homem que, pertencendo à *Cidade de Deus*, passar da terra para os céus através da morte corporal. Porque o homem, enquanto caminha nesta terra, só pode ser feliz parcialmente se desejar e se esforçar para amar a Deus e fazer sua vontade. O homem que age assim vive bem. “[...] Deus será propício a todo aquele que o procura. Ora, quem possui Deus favorável necessariamente será feliz. Acontece, porém, que quem está em busca, ainda não possui o que deseja” (AGOSTINHO, 1998, C. 3, 20, p. 141).

Será visto nos capítulos posteriores que na ideia de tempo cíclico, que será explicada com mais detalhes, não é possível o homem ser feliz, porque não há para ele a posse definitiva de Deus, visto que, no tempo cíclico, o homem retorna sempre da vida sobrenatural para a natural ou vice-versa.

2 O TEMPO CÍCLICO

2.1 O tempo cíclico e sua origem

A primeira coisa que devemos saber é: o que é o tempo cíclico (que também é chamado eterno retorno) e como foi a sua origem. E partindo das descrições mais gerais dadas pelos filósofos antigos e medievais, vejamos a exposição sobre esse termo feita por Niccola Abbagnano (2007, p. 136):

Doutrina segundo a qual o mundo retorna, depois de certo número de anos, ao caos primitivo, do qual sairá de novo para recomeçar seu curso sempre igual. Essa doutrina foi sugerida aos mais antigos filósofos pelos eventos cíclicos constatáveis: a alternância do dia e da noite, das estações, das gerações animais etc. A noção de ciclo cósmico encontra-se no orfismo, no pitagorismo, em Anaximandro (Hyp., Refut., omn. haeres., I, 6, I), em Empédocles (Fr. 17, Diels), em Heráclito (Fr. 5, Diels) e nos estoicos.

Além desses pensadores e escolas filosóficas que foram apontados, a teoria do tempo cíclico se encontra no platonismo, neoplatonismo, assim como também no aristotelismo e na escola peripatética. A doutrina filosófica do tempo cíclico descende de antigos mitos cósmicos que surgiram com os homens primitivos e cuja data de origem não se tem por certa. Esses mitos foram também trabalhados por alguns pensadores pré-socráticos já no século V a. C. e mais tarde reelaborados por filósofos do período clássico da Grécia. “[...] os mitos filosóficos e as cosmologias mais ou menos científicas, elaboradas por essa minoria que começa com os pré-socráticos, com o passar do tempo alcançaram uma disseminação bastante generalizada” (ELIADE, 1992, p. 117).

Com essa disseminação do pensamento cíclico pela Grécia antiga, criaram-se sistemas filosóficos a partir dessa visão de mundo. E as doutrinas filosóficas do tempo cíclico eram bem variadas, mas em sua

grande parte tinham por comum dizerem que a história seria composta por eras, que todas as coisas voltariam às suas origens cósmicas e que elas se repetiriam novamente no decorrer dos ciclos cósmicos a partir de uma cosmogonia ou de uma conflagração universal, ou ainda as duas coisas juntas. Tais teorias, na concepção filosófica grega antiga, eram fundamentadas na visão do cosmo que se regenera continuamente e também na perspectiva do movimento perfeito, que na geometria era representado pela figura do círculo e da esfera. Explica Juan Cruz Cruz (2007, p. 296): “Para o grego, o movimento perfeito e, portanto, exemplo e causa dos demais é o circular. Aristóteles expôs sistematicamente esta ideia”.

Aristóteles, em sua obra *Sobre Céu 289b* (CRUZ CRUZ, 2007, p. 297), argumenta que na geometria entre as figuras planas a mais perfeita é o círculo, pois o círculo, ao contrário das outras figuras, é limitado em si mesmo por uma só linha. Já no espaço tridimensional, Aristóteles afirma que a figura mais perfeita é a esfera, porque essa é composta por um só plano. É como em sua metafísica o uno é anterior ao múltiplo, o simples é anterior ao composto e o perfeito ao imperfeito, o círculo e a esfera são as figuras mais perfeitas dentro de suas classes geométricas.

Vejamos então os argumentos de Aristóteles, sobre o movimento, presentes em sua *Física 265b*, sintetizados por Juan Cruz Cruz (2007, p. 298):

O movimento sobre uma reta finita, quando se volta sobre si mesmo, é composto, formando dois movimentos distintos, e quando não se volta sobre si mesmo, é imperfeito e destrutível. Após fazer essas afirmações (Aristóteles) introduz o cunho metafísico: I) o perfeito é anterior ao imperfeito, II) o destrutível é anterior ao indestrutível; III) o movimento eterno é anterior ao que não pode sê-lo. Assim apenas o movimento circular é eterno, enquanto nenhum dos outros, nem a translação e nem os demais, podem sê-lo, pois neles deve se produzir alguma detenção, e se há detenção, o movimento desaparece.

A partir desse pensamento de Aristóteles é possível entrever a relação entre o movimento e o tempo como sua medida. Pois se movimento perfeito é o circular, o tempo perfeito será aquele em que a semelhança de um círculo não tem ponto inicial nem final e é uniforme e regular. Mas esse tempo perfeito cíclico é diferente do conceito de eternidade que está mais ligado à imutabilidade e à totalidade do que ao movimento.

Todos esses argumentos de Aristóteles expressam também um pouco da cultura na qual ele estava inserido, pois para os gregos antigos o cosmo, o homem e a história estavam ligados ao tempo circular. É necessário se ter presente que os pensadores gregos antigos, que eram uma minoria, desenvolveram suas doutrinas tendo em comum esse cenário cultural cíclico, no qual a população em geral também estava inserida, porém com conhecimento mais aproximado do mito e da religião do que das doutrinas filosóficas em si.

2.2 Os tipos de teorias cósmicas cíclicas e os mitos das eras

A partir dessa forma cultural grega de enxergar o cosmo e a história é possível apresentar algumas características comuns das explicações gregas sobre os ciclos cósmicos. Explica Cruz Cruz (2007, p. 83):

O caráter cíclico de algumas explicações modernas deve parte do seu conteúdo aos esquemas dos gregos do tempo circular. Em geral, consideram a história como um movimento que cumpre determinados ciclos, embora alguns modelos não estejam em perpétua circularidade fechada. Os ciclos não dariam voltas sobre si mesmos, mas de algum modo, percorreriam uma trajetória progressiva.

Na citação acima é possível perceber algumas características das teorias dos ciclos cósmicos. E quando se trata dessas características é importante saber que elas podem ser divididas em dois grandes grupos ou teorias, que são: as teorias cósmicas cíclicas e as teorias cósmicas cíclicas limitadas. De acordo com as primeiras, no decorrer do tempo cósmico, que acontece em ciclos infinitos, o momento mítico da criação é periodicamente realizado, renovando assim todo o universo. Essas

teorias são as mais primitivas e por essa razão têm muitas variações que podem ser vistas em diversas culturas antigas, nas quais se realizavam ritos e ações simbólicas para lembrar os mitos fundadores de cada povo, a partir das diversas religiões, e desse modo fazer uma repetição do ato criador ou cosmogônico para a renovação da vida social obtendo a saúde, a fertilidade, a prosperidade e a paz.

Já as teorias cíclicas do cosmo limitado são as formas mais elaboradas e modernas das primeiras teorias cíclicas, e têm por característica a repetição cíclica não só do momento mítico do início do cosmo, mas também a repetição do momento mítico da destruição ou decadência desse cosmo ocasionada pelos deuses, pela natureza, ou pelos próprios homens. Essas teorias podem ser constatadas em algumas religiões e filosofias, por exemplo, na Índia com hinduísmo, jainismo e o budismo.

Além das religiões e filosofias indianas presentes na Ásia meridional, estão também dentro das doutrinas cíclicas do cosmo limitado muitas concepções dos povos mesopotâmicos e helênicos. Assim, é comum que essas doutrinas de caráter cíclico, sejam limitadas ou não, recebam o nome de teorias do grande tempo ou do grande ano. Ademais, elas também têm em comum a associação do mito das eras sucessivas, mito que foi muito conhecido entre os gregos antigos. De acordo com esse mito, cada ciclo é composto por eras sucessivas, e ele se inicia pela melhor era e termina com a pior era. Esclarece Eliade (1992, p. 112):

Quase todas essas teorias do “Grande Tempo” são encontradas em conjunto com o mito das eras sucessivas, a “era de ouro” sempre ocorrendo no princípio do ciclo, perto do *illud tempus* (desse tempo) paradigmático. Nas duas doutrinas – a do tempo cíclico e a do tempo cíclico limitado – essa era de ouro é recuperável; em outras palavras, é possível repeti-la, uma quantidade infinita de vezes, segundo a primeira dessas duas doutrinas, e uma única vez, conforme a outra.

De acordo com a referida citação, no tempo cíclico limitado as eras não são repetidas no mesmo ciclo, porque após uma era logo lhe sucede outra até que o ciclo se complete e venha assim outro ciclo. Ademais, no decorrer de um ciclo há uma ideia de progressão que o leva de seu

início numa era de felicidade até o seu término numa era catastrófica. Dessa forma, só no próximo ciclo essas eras irão se repetir.

Um exemplo dessas eras cíclicas progressivas é possível ver em Hesíodo em sua obra *O trabalho e os dias*, na qual ele descreve a periodização da história em cinco idades (CRUZ CRUZ, 2007, p. 286): A idade de ouro (quando os homens viviam como deuses e na fartura de bens), a idade de prata (na qual os homens já não são mais sábios e não honram os deuses), a idade de bronze (na qual há guerras e violência entre os homens), a idade dos heróis (na qual os homens se esforçam para se tornarem sábios e fortes novamente) e por fim, a idade dos homens (na qual os homens sofrem todos os males, embora tenham ainda algum bem restante).

Em Platão, também é possível constatar essas eras ou idades cíclicas, de modo especial em seu diálogo *Crítias*, 110d ss., onde ele fez a distinção de três idades cósmicas que são derivadas das de Hesíodo, que são (CRUZ CRUZ, 2007, p. 287): a idade dos deuses (em que estes colonizaram a terra e criaram os homens), a idade dos heróis (em que homens notáveis foram criados por Hefesto e Atena), e a idade dos homens (em que homens começaram a passar necessidades).

A partir das distinções entre a teoria cósmica cíclica e a cíclica limitada é possível perceber as formas temporais com as quais as civilizações antigas interpretavam o tempo histórico. E, juntamente com as eras cíclicas, é possível constatar a partir dos exemplos citados o sentido trágico e pessimista da história que orientou a visão grega antiga e também a latina, pois o decorrer do tempo a partir de seu princípio é visto como uma decadência do cosmo e do ser humano, que começam num estado de perfeição e depois vão se deteriorando com o passar das eras, até que cheguem às maiores catástrofes e sofrimentos no final de cada ciclo.

2.3 A abolição da história no tempo cíclico

Com a visão pessimista de decadência dos ciclos e a previsão das eras ruins o homem antigo encontrou um sentido para os seus sofrimentos e males da vida, que estavam ligados ao momento no qual ele se encontrava dentro da história. E mesmo para os homens que consideravam estar nas primeiras eras de um ciclo, que eram

consideradas boas, existia o problema da deterioração da vida com o passar do tempo. Por esse motivo, eles buscavam renovar as suas vidas através de realizações rituais, artísticas e profissionais que lhes aproximassem daquele momento mítico paradisíaco do princípio, no qual não havia sofrimento e nem diminuição da vida ou do ser. Assim diz Eliade (1992, p. 76):

O que importa de fato é que o homem sentiu a necessidade de reproduzir a cosmogonia em suas construções, fosse qual fosse sua natureza; importa que essa reprodução o tornava contemporâneo do momento mítico do princípio do mundo, e que ele sentia a necessidade de retornar a esse momento, tão frequentemente quanto possível, de modo a se regenerar.

Esse momento mítico inicial estava para além do tempo e possuía um caráter paradisíaco, pois nele o homem não sentia o peso da contingência do tempo, as dores de sua mortalidade, e nem a carência de bens. Portanto, essa necessidade do homem antigo de reproduzir o ato cosmogônico estava ligada também ao seu desejo de querer sair das limitações da temporalidade histórica.

O eterno retorno ao momento primordial servia então ao homem antigo como uma forma de resolver problemas ligados à vida e também como um modelo exemplar para todos os eventos que marcam a história de uma pessoa, como por exemplo, o nascimento, o casamento e a morte. “Porque é sempre através de um retorno simbólico ao instante atemporal da plenitude primordial que se espera pela garantia da perfeita realização de cada uma dessas situações” (ELIADE, 1992, p. 81).

Segue então que esse retorno do homem antigo ao princípio mítico por diversos meios como ritos, símbolos e produções tem por objetivo a abolição da história. E essa regeneração tornava possível a eliminação das culpas e dos males:

Porque, o cosmo e o homem são incessantemente regenerados, e por todos os tipos de meios, com o passado sendo destruído e os males e pecados eliminados etc. Embora diferentes em suas fórmulas, todos esses instrumentos de regeneração tendem a

caminhar para um mesmo propósito: anular o tempo passado, abolir a história por meio de um contínuo retorno in illo tempore (naquele tempo modelar), pela repetição do ato cosmogônico (ELIADE, 1992, p. 80).

Essa abolição da história por meio da regeneração cíclica foi a maneira que homem antigo encontrou para suportar os sofrimentos da vida. Também foi o modo encontrado para lidar com a irreversibilidade das ações feitas no tempo, visto que segundo Eliade (1992, p. 66), a esperança da abolição do tempo é possível, quando num momento mítico o mundo é destruído e recriado novamente.

O homem antigo se recusava a ser considerado somente como um ser histórico, uma vez que ele queria ter parte na eternidade, num mundo pleno, através de sua participação no ato recriador. Dessa maneira, esse homem tendia a desvalorizar o tempo e os acontecimentos corriqueiros que não tinham relação com esse paraíso inicial ou mundo arquetípico que ele buscava, porque mesmo com a visão histórica de decadência, os homens antigos queriam ser felizes e o retorno cíclico ao “paraíso perdido” foi a forma que o homem antigo encontrou para alcançar a sua felicidade.

Vejamos:

Tudo o que sabemos sobre a memória mítica do “paraíso” nos confronta, pelo contrário, com a imagem de uma humanidade ideal, desfrutando de uma beatitude e plenitude espiritual jamais realizável na presente condição do “homem caído”. Na verdade, os mitos de muitos povos aludem a uma época distante, na qual os homens não conheciam a morte nem a luta ou o sofrimento, e tinham um estoque abundante de alimento, bastando estender a mão e apanhá-lo (ELIADE, 1992, p. 88).

Ligando a referida citação com o fato de que através das doutrinas do tempo cíclico os povos antigos queriam retornar ao período da perfeição inicial, ou pelo menos torná-lo presente em suas épocas, abolindo a história por meio da invocação de um momento atemporal,

pode-se perceber que um dos maiores fins desses povos era o de alcançar a felicidade perene.

2.4 As doutrinas filosóficas gregas antigas e as teorias cíclicas

A filosofia grega pré-socrática e antiga elevou o mito do eterno retorno a um patamar mais alto, uma vez que os pré-socráticos criaram teorias filosóficas tendo como fundamento esses mitos e os filósofos antigos posteriores criaram sistemas filosóficos complexos que desenvolveram ainda mais essas teorias.

Diz Eliade (1992, p. 118):

Este mito (do Eterno Retorno) ainda podia ser encontrado nas primeiras especulações pré-socráticas. Anaximandro sabe que todas as coisas nascem e retornam ao apeíron (o ilimitado). Empédocles concebe a supremacia alternada dos dois princípios opostos, *philia* (amor) e *neikos* (ódio), como explicação para as eternas criações e destruições do Cosmo [...] a conflagração universal também é aceita por Heráclito. Quanto ao eterno retorno – a retomada periódica, por parte de todos os seres, de suas vidas anteriores –, representa um dos poucos dogmas que, como sabemos com alguma certeza, faziam parte do pitagorismo primitivo.

Como é possível constatar na citação, os pré-socráticos associavam os elementos que eles consideravam como princípio e fim da natureza ao movimento que esta segue no seu curso natural. E como já foi exposto, sabe-se que para a cultura grega esse movimento natural está ligado aos ciclos.

Anaximandro concebia o princípio e o fim das coisas ligado ao ilimitado e Heráclito via esse princípio na guerra dos contrários, originados e representados pelo fogo. Empédocles também via um conflito nos acontecimentos do mundo que para ele estavam submetidos aos princípios do amor e do ódio. Os pitagóricos, com o seu princípio numérico, sustentavam que todas as coisas estavam sujeitas a uma repetição exata daquilo que eram. Portanto, o ponto em comum, entre todos esses pensadores, está no fato de que eles admitiram ciclos naturais de recorrência periódica (CRUZ CRUZ, 2007, p.

290) e a partir de seus princípios doutrinários, eles especularam quais movimentos cíclicos naturais do cosmo (por exemplo: o dia e a noite, a fase lunar e solar, as estações do ano e etc.) eram os mais relevantes.

Indo mais adiante na história, se verá que os estoicos também basearam suas doutrinas no tempo cíclico e foram eles que inventaram o termo filosófico chamado “Eterno Retorno” para expressarem essa ideia. De acordo com Eliade (1992, p. 119), eles deram mais ênfase à questão da repetição infinita e ao fim do universo através de um fogo cósmico (*ekpyrosis*) e essa repetição contínua, à semelhança dos pitagóricos, se daria também de modo numérico, ou seja, para eles o mesmo Sócrates voltaria a existir novamente, pois todas as coisas se repetiriam de modo exatamente igual (CRUZ CRUZ, 2007, p. 293).

Os sofistas também estavam incluídos nesse pensamento cíclico e com eles diversos outros pensadores antigos. Ademais, a partir do período clássico da filosofia grega, principalmente com a contribuição dos grandes filósofos Platão e Aristóteles, o desenvolvimento das teorias cíclicas chegou ao seu ápice, de modo especial em Platão, que associou o tempo cíclico à sua teoria das ideias que contém os arquetípicos primeiros de todas as coisas. Acrescenta Eliade (1992, p. 121):

Num certo sentido, pode-se até dizer que a teoria grega do eterno retorno é a variação final experimentada pelo mito da repetição de um gesto arquetípico, do mesmo modo que a doutrina platônica de ideias foi a versão final do conceito do arquétipo, além de ter sido a mais completamente elaborada. E vale a pena observar que essas duas doutrinas encontraram sua mais perfeita expressão no ponto mais alto do pensamento filosófico grego.

Pode-se dizer então que, em Platão, a teoria cíclica está relacionada com o mundo dos arquetípicos e Agostinho, quando se voltou contra o platonismo e neoplatonismo em sua crítica ao tempo cíclico, enfrentou uma teoria que já estava em um nível de complexidade muito grande. Cabe então ver de modo específico, como Platão e os neoplatônicos pensaram essa questão.

2.5 As ideias platônicas e o tempo cíclico

Para Platão, “o mundo e as criaturas estão submetidos ao regime dos ciclos” (CRUZ CRUZ, 2007, p. 291). Isso pode ser constatado nos diálogos de sua maturidade e velhice, nos quais ele expõe a sua doutrina filosófica que tem por base também os ciclos do eterno retorno.

Para começarmos, reparemos na explicação que Platão fez sobre o movimento do universo no seu diálogo *O Político 269d*:

– Escuta! Este universo em que estamos algumas vezes é o próprio Deus que lhe dirige o curso e preside à sua revolução; outras vezes, terminados os períodos que lhe foram determinados, ele o deixa seguir; e então por si mesmo, o Universo retoma o seu curso circular, em sentido inverso, em virtude da vida que o anima e da vida que lhe foi dada desde a sua origem por aquele que o criou. [...] Eis por que foi animado do movimento de retrocesso circular que dentre todos é o que menos o afasta do seu movimento primitivo (PLATÃO, 1979, p. 215).

Neste trecho do seu diálogo, Platão recorreu ao mito da era dos deuses para explicar a sua concepção do movimento cíclico do universo através do personagem *Estrangeiro* que explica isso ao personagem *Jovem Sócrates*. De acordo com essa explicação, quando o curso do universo é conduzido pelo deus Cronos, esse curso adquire um movimento circular regenerativo onde todas as coisas se renovam. Porém, chega um momento em que esse deus deixa o universo se movimentar por si, então o cosmo toma um movimento cíclico contrário de decadência e destruição. E o ápice desse cenário de decadência é um grande cataclismo no qual muitos seres vivos perdem as suas vidas e as forças cósmicas se abalam. No entanto, quando universo chega nesse estado, Cronos o regenera novamente até a sua origem paradisíaca na era de ouro dos deuses. Dentro dessa perspectiva cíclica de Platão, o universo tem dois movimentos o de progresso e o de regresso. “O progresso seria devido ao divino e o regresso e a decadência à ação humana” (CRUZ CRUZ, 2007, p. 291).

Vejamos, agora, um exemplo da base cíclica do pensamento de Platão em relação às criaturas do universo, presente na *República* 546a ss.:

— Mais ou menos desta forma: é difícil que um Estado constituído como o vosso venha a se alterar. Porém, como tudo o que nasce é passível de corrupção, este sistema de governo não durará eternamente, mas dissolver-se-á, e aqui tens o modo. Há, para as plantas enraizadas na terra e para os animais que vivem à sua superfície, ciclos de fecundidade ou de esterilidade que afetam a alma e o corpo. Estes ciclos surgem quando as revoluções periódicas completam as circunferências dos círculos de cada espécie, e são curtas para as que têm uma vida curta, longas para as que têm uma vida longa. [...] Para a raça divina há um período que compreende um número perfeito. De modo contrário, para a raça humana é o primeiro número no qual os produtos das raízes pelos quadrados — abrangendo três distâncias e quatro limites — dos elementos que fazem a igualdade e a desigualdade, o crescente e o decrescente, estabelecem entre todas as coisas relações racionais (PLATÃO, 2008, p. 343).

Na referida citação, Platão mostra que os seres vivos que habitam o universo também estão dentro do limite cíclico e a duração da existência desses seres está relacionada a uma durabilidade temporal que é limitada e imperfeita, enquanto que o tempo de existência dos deuses é perfeito e ilimitado.

No que se refere ao modo como Platão pensava que aconteceria o cataclismo ou a catástrofe pela qual a humanidade e o cosmo passaram e passarão, ele não definiu uma forma específica, mas associou também esse momento crítico de destruição e renovação ao tempo cíclico.

E para conferir isso, reparemos nesse trecho do diálogo *Timeu* 22c ss:

— Quanto à alma, sois todos novos – disse ele (o Sacerdote de Sais). É que nela não tendes

nenhuma crença antiga transmitida pela tradição nem nenhum saber encanecido pelo tempo. A causa exata é a seguinte: muitas foram as destruições que a humanidade sofreu e muitas mais haverá; as maiores pelo fogo e pela água, mas também outras menores por outras causas incontáveis. [...] de tal forma que nasceis de novo, do princípio, tal como crianças, sem saber nada do que aconteceu em tempos remotos, quer aqui, quer entre vós (PLATÃO, 2011, p. 84-85).

O presente trecho é narrado por Crítias aos demais personagens do diálogo para explicar os fatos antigos da história grega e de outros lugares da humanidade, a partir de uma perspectiva mítica. Através desse personagem, Crítias, que conduz a maior parte do diálogo, Platão deixa transparecer o seu pensamento sobre as destruições periódicas que a humanidade sofre através das forças cósmicas de forma cíclica.

Conforme Eliade (1992, p. 119), não nos deve causar estranheza o fato de Platão usar de mitos e tradições antigas para explicar essas realidades sobre o cosmo e a humanidade nos diálogos de sua velhice, pois a evolução do seu próprio pensamento filosófico o obrigou a redescobrir as categorias mitológicas.

Esse aspecto cíclico de Platão sobre a renovação pela qual a humanidade passa é um dos fundamentos de seu pensamento sobre a metempsicose ou a transmigração das almas, doutrina que depois será herdada e reelaborada por seus adeptos como Plotino, Porfírio e os demais platonistas da idade antiga e que serão o alvo imediato das críticas de Agostinho ao tempo cíclico.

Segundo Cruz Cruz (2007, p. 294), Agostinho comentava com certa tristeza que para Platão as almas humanas, após a morte, podiam se rebaixar ao ponto de se tornarem animais em outra vida. E Plotino sustentou essa mesma ideia, mas isso não foi sustentado pelo seu discípulo Porfírio, pois este pensava que as almas dos homens podiam somente habitar em corpos de outros homens. Contudo, Porfírio se envergonhava de crer que uma mãe pudesse reencarnar em um corpo de uma jovem e ter a possibilidade de se casar com seu próprio filho.

Ainda conforme Cruz Cruz (2007, p. 290), é necessário ficar claro que os pensadores gregos e romanos antigos não concebiam a história como obra linear e fruto da liberdade humana e também não acreditavam que a história fosse guiada por uma providência divina que conduzisse tudo até um fim perfeito, pois para eles a história estava ligada à fatalidade.

A partir da relação entre a doutrina de Platão e o eterno retorno, e seu desdobramento com os neoplatônicos, é possível averiguar mais claramente as filosofias que Agostinho visava combater com sua crítica às teorias do eterno retorno.

2.6 As retomadas históricas do tempo cíclico

A partir do primeiro século d.C., as teorias cíclicas começaram a perder forças devido à filosofia cristã e sua proposta linear. Quando chegou a idade média, as teorias cíclicas já estavam culturalmente apagadas, mas elas não chegaram a ser extinguidas e muito dos seus resquícios estavam presentes nas ciências, nas artes, e nas religiões. No início da modernidade, com o aprimoramento das ciências naturais, da astronomia, e da descoberta de novas leis e ciclos do universo, alguns pensadores passaram a retomar as teorias cíclicas baseados nesses avanços. De acordo com Eliade (1992, p. 141) essa retomada das teorias cíclicas, com novos aspectos científicos, aumentou os campos de influência dos mitos arcaicos.

Dentro da nova forma de concepção cíclica, a história passou também a ser pensada em seus acontecimentos como que influenciada pelos ritmos do cosmo. Vejamos:

Portanto, eles (os ritmos do cosmo) também são afirmados de maneira implícita pela repetição cíclica dos acontecimentos da história, mesmo quando essa repetição não é considerada como contínua *ad infinitum* (ao infinito). E mais: pelo fato de os acontecimentos históricos dependerem de ciclos e situações astrais, eles se tornam inteligíveis e previsíveis, já que, assim, eles adquirem um modelo transcendental (ELIADE, 1992, p. 141).

Esses novos aspectos das teorias cíclicas despertaram mais interesse em pensadores da elite na modernidade do que no povo⁶ e o principal pensador dessas teorias, nesse período moderno, foi Giambattista Vico (1668 - 1744). Mas, com o aumento da influência cristã, o pensamento linear era mais difundido e por esse motivo, essas teorias cíclicas causaram alguns embates na filosofia e até mesmo dentro da religião cristã, mesmo assim, as ideias lineares eram mais aceitas e isso fez com essas teorias cíclicas ficassem por certo tempo à margem da filosofia e da religião.

De acordo com Souza (2016, p. 100), na modernidade a temporalidade foi vinculada, finalmente, ao predomínio do tempo linear sobre o tempo cíclico, como que resolvendo um conflito milenar e dando ganho de causa aos defensores do tempo linear, de origem judaico-cristã, sobre a temporalidade cíclica de cunho pagão.

Na contemporaneidade, houve novas tentativas de reavivamento do pensamento cíclico por parte de alguns pensadores da filosofia e uma referência nesse reavivamento foi o pensador Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), que retomou o mito do eterno retorno e o incorporou à sua filosofia, abordando-o em suas diversas obras⁷. Explica Eliade (1992, p. 141):

6 Dentro do contexto religioso moderno é possível averiguar uma grande retomada cíclica na doutrina espírita de Allan Kardec (que se chamava Hippolyte Léon Denizard Rivail [1804–1869]), que defendia a questão cíclica da reencarnação progressiva dos espíritos (comparar com as teorias cíclicas limitadas. Cf. 2.2).

7 Nietzsche, em seus diversos momentos filosóficos, abordou a doutrina do eterno retorno. E para conferência desse assunto deixo aqui algumas citações de suas obras da fase madura: *A gaia ciência*, aforismo 341: “E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: Esta vida, assim como tu vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência, e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores e do mesmo modo este instante e eu próprio” (NIETZSCHE, 1983, p. 208).

Essa retomada cíclica de Nietzsche fica ainda mais clara na sua obra *Assim falou Zaratustra* (3ª parte – Da visão e enigma), vejamos:

“ – ‘Tudo o que é reto mente’, murmurou desdenhosamente o anão. ‘Toda verdade é curva, o próprio tempo é um círculo’ [...]”

– Vê, continuei a falar, vê este instante! Deste portal instante corre um longo e eterno corredor *para trás*: atrás de nós há uma eternidade.

Não é preciso que, de todas as coisas, aquilo que pode correr já tenha percorrido uma vez esse corredor? Não é preciso que, de todas as coisas, aquilo que pode acontecer já tenha uma vez acontecido, já esteja feito, transcorrido?” (1983, p. 244).

Também na obra *Além do bem e do mal*, aforismo 56, podemos ver essa retomada de Nietzsche: “[...] Para o ideal do homem mais desenvolto, mais vivo e mais afirmador do mundo, que não somente aprendeu a se contentar e a pactuar com o que foi e é, mas quer tê-lo

Temos de esperar até o nosso próprio século para ver o começo de determinadas reações contra esse linearismo histórico, e um certo reavivamento do interesse na teoria dos ciclos; é assim que, na economia política, estamos sendo testemunhas da reabilitação das ideias de ciclo, flutuação, oscilação periódica; que, na filosofia, o mito do eterno retorno é reavivado por Nietzsche; ou que, na filosofia da história, um Spengler ou um Toynbee manifestam preocupação com o problema da periodicidade.

“A obra de Nietzsche representa na contemporaneidade, a última retomada significativa da concepção cíclica do tempo” (SOUZA, 2016, p. 194), o que reacendeu a discussão e o interesse de muitos pelos mitos e teorias que envolvem a questão do eterno retorno.

Além disso, como foi apresentada na citação de Eliade, essa questão dos ciclos que já estava presente na religião e nas ciências passou também para a economia atual. Isso mostra que essa questão sobre o tempo cíclico é ainda muito relevante para a filosofia contemporânea, portanto é necessário explorarmos agora a concepção do tempo linear e seus desdobramentos e embates com o tempo cíclico.

outra vez tal como foi e é, por toda a eternidade, clamando insaciavelmente da *capo* (a repetição), não somente a si, mas a inteira peça e espetáculo, e não somente a um espetáculo, mas no fundo àquilo que tem necessidade precisamente desse espetáculo – e o torna necessário: porque sempre de novo tem necessidade de si – e se torna necessário. Como? E não seria – *circulus vitiosus deus*? (Como um deus num círculo vicioso)” (NIETSCHE, 1983, p. 277).

3 O TEMPO LINEAR

3.1 Os princípios do pensamento linear

O pensamento linear sobre a história teve sua origem no povo judeu e também no povo iraniano. No caso do povo judeu, o início da linearidade se deu pela consciência da manifestação de Deus na história e pela crença na vinda de um messias. Já no caso dos iranianos, a linearidade teve por base a crença num final definitivo da história e também num paraíso futuro. Esses princípios do pensamento linear não são tão antigos quanto os do pensamento cíclico e puderam ser constatados inicialmente no povo judeu, a partir do olhar dos profetas sobre a história do povo israelita, e isso nos remete aproximadamente ao ano de 1046 a. C. considerando o profetismo a partir da monarquia israelita.

Explica Eliade (1992, p. 105):

Assim sendo, pela primeira vez, os profetas atribuíram um valor à história, conseguindo transcender à visão tradicional do ciclo (a concepção que nos garante que todas as coisas serão repetidas para sempre), descobrindo o tempo unidirecional. Mas essa descoberta não foi imediata e completamente aceita pela consciência de todo o povo judeu, e as ideias (cíclicas) primitivas ainda conseguiriam sobreviver durante muito tempo. [...] Assim, pode-se dizer, com um fundo de verdade, que os hebreus foram os primeiros a descobrir o significado da história como epifania de Deus, e essa concepção, como seria de esperar, acabou sendo assimilada e ampliada pelo cristianismo.

Na referida citação, é possível perceber que essa visão linear da história teve seu início no povo judeu a partir da percepção de seus profetas, que perceberam que a manifestação do Deus de Israel acontecia também na história e não somente num instante mítico

atemporal. Esse Deus, diferentemente de outras divindades, “deixou de ser uma divindade oriental, criadora de gestos arquetípicos, e passou a ser uma personalidade que intervinha incessantemente na história, e revelava sua vontade por intermédio dos acontecimentos” (ELIADE, 1992, p. 105). Isso diferenciou consideravelmente, dos outros povos, a maneira judaica e depois também a cristã de enxergar a história.

Essa manifestação de Deus na história do povo judaico-cristão trouxe uma novidade em relação às outras religiões. Uma vez que a noção de revelação divina é algo comum a todas as religiões, no caso do judaísmo e do cristianismo o diferencial está no Deus que além de agir no momento extratemporal, age também na história e nela interfere de modo constante e único. Assim, cada manifestação de Deus na história se torna um fato importante. “E, como ele (o momento da manifestação divina) também representa uma teofania, adquire uma nova dimensão: transforma-se em momento precioso, já que não é mais reversível, por ter-se transformado em acontecimento histórico” (ELIADE, 1992, p. 106).

A espera da vinda ou do retorno de um messias é um princípio linear porque nela o povo judeu e cristão espera um representante da divindade, que venha transformar a história de modo definitivo. Essa espera do messias faz com que o tempo histórico tenha mais valor e seja vivido em vista de um futuro escatológico permanente. Com isso, não só o momento do princípio mítico da história é visto como importante, mas também o seu fim passa a ter grande importância, pois nesse fim a divindade realizará outra ação extratemporal que levará os seres da criação a terem novamente as suas condições de perfeição originais de modo definitivo.

Esclarece Eliade (1992, p. 107):

Quando chegar o Messias, todo o mundo será salvo de uma vez por todas, e a história deixará de existir. Neste sentido, sentimo-nos justificados em falar não apenas de uma atribuição escatológica de valor ao futuro, “àquele dia”, mas também da “salvação” da transformação histórica. A história já não parece ser um ciclo que se repete *ad infinitum* (infinitamente), como os povos primitivos a representavam (criação, desgaste, destruição, recriação anual do Cosmo) [...].

É importante observar que muitas outras religiões cultivavam também a espera de um messias, mas elas não colocavam esse messias dentro de uma perspectiva linear.

O final definitivo da história é uma característica da linearidade, que também foi pensado pelo povo iraniano. Esse povo que, saindo das concepções cíclicas em muitos aspectos de suas crenças e doutrinas, passou a ver o tempo histórico como finito. De acordo com Eliade (1992, p. 122), para os iranianos esse tempo chegará ao fim através um grande cataclismo ocasionado pelo fogo e pela água e antes desse fim, cada pessoa da história passará por uma espécie de julgamento e só os que estiverem sem faltas poderão viver no paraíso definitivo, que virá logo após a destruição do cosmo.

Vale a pena ressaltar que esses princípios de linearidade tanto no povo judeu como no iraniano não foram aceitos de imediato pela maioria desses dois povos, pois estes estavam muito imersos na cultura cíclica. Portanto, foi só com a aceitação e desenvolvimento dessas descobertas lineares pelos líderes israelitas e iranianos (reis, sacerdotes e profetas) que esses povos, de um modo geral, passaram a olhar de modo linear para a história.

3.2 A linearidade no cristianismo

Como o cristianismo nasceu dentro da cultura judaica, ele é também herdeiro da concepção linear de tempo. E para além dessa herança, no cristianismo o pensamento linear ganhou mais fundamentos filosóficos e teológicos, principalmente devido ao fato da encarnação de Deus na história e as relações temporais que os pensadores cristãos fizeram desse fato.

Desde os inícios do cristianismo já é possível constatar que pensadores cristãos se antepunham às doutrinas cíclicas por causa da característica linear da doutrina cristã. Porém, como a filosofia cristã estava em seu início, essa linearidade ainda não tinha uma estrutura filosófica como a que foi desenvolvida depois por Agostinho na antiguidade, e mais tarde por muitos outros pensadores medievais. Ainda assim, esses primeiros pensadores ajudaram apontando para os fundamentos da filosofia da história que foi criada depois. “É exatamente essa concepção linear

do tempo e da história que, já delineada no segundo século por Santo Irineu de Lyon, será retomada por São Basílio e São Gregório, e por fim elaborada por Santo Agostinho” (ELIADE, 1992, p. 139).

Agostinho foi o primeiro pensador a sistematizar uma filosofia da história da humanidade, na qual o pensamento linear foi a base desse sistema e dentro dessa filosofia da história, ele expôs as contradições presentes nas doutrinas cíclicas.

Assim diz Jacques Maritain (1962, p. 18):

É possível uma filosofia da história? R: A Cidade de Deus de Sto. Agostinho oferece-nos o primeiro grande exemplo de tal filosofia. Trata-se de uma interpretação histórica na perspectiva do Cristianismo – interpretação oposta às concepções orientais dos ciclos eternos de destruição e de regeneração do cosmos.

Além disso, Agostinho mostrou em sua obra *A Cidade Deus* que os fatos que acontecem na história não são determinados pelos ciclos das eras e nem por destinos astrais (ELIADE, 1992, p. 131), mas esses fatos são muitas vezes consequências do livre-arbítrio dos homens e da permissão de Deus, que conduz a história para o seu sentido final.

Mesmo com toda essa contribuição de Agostinho, o pensamento cíclico ainda sobreviveu em alguns dos seus aspectos no meio cristão até a idade média e isso gerou conflitos. Porém, o pensamento retilíneo sempre foi cultivado pela maioria dos autores cristãos ortodoxos. Na idade média isso foi constatado em Santo Alberto Magno e em São Tomás de Aquino. A obra principal desse período que mais expressou o pensamento linear foi o *Evangelho Eterno* de Joaquim de Fiori.

Conforme nos diz Eliade (1992, p. 140):

Na Idade Média, os germes da teoria (linear) podem ser reconhecidos nos textos de Alberto Magno e de Santo Tomás; mas é com o Evangelho Eterno, de Joaquim de Fiori, que ela aparece em toda a sua coerência, como um elemento integral de uma magnífica escatologia

da história, a mais significativa contribuição do cristianismo neste campo, desde aquela produzida por Santo Agostinho. Joaquim de Fiori divide a história do mundo em três grandes épocas, sucessivamente inspiradas e dominadas por uma pessoa diferente da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

Essa obra de Joaquim de Fiori fez com que a linearidade prevalecesse ainda mais no pensamento cristão. Assim, o pensamento linear permaneceu bem sustentado até os dias atuais pela contribuição, de modo especial, dos vários autores cristãos que se dedicaram a essa questão.

E dentro do pensamento cristão, a linearidade tem suas características próprias. Um desses traços característicos é que uma “linha reta traça o curso da humanidade, desde a queda inicial até a redenção final. E o significado dessa história é único, porque a encarnação é um fato único” (ELIADE, 1992, p. 139).

Esse fato único da encarnação de Cristo, dentro da concepção linear, não pode ser repetido novamente, porque de acordo com Eliade (1992, p. 139), essa única entrada do eterno na história abarcou em si todos os tempos e a eles deu um sentido. Assim, esse acontecimento rege tanto a história coletiva da humanidade, como também a individual de cada pessoa e por consequência, o destino que cada pessoa constrói para si pode ser uma aderência ou uma recusa desse fato e qualquer uma dessas escolhas são irreversíveis depois do tempo histórico.

Devido a essas características, é possível averiguar que a linearidade, dentro da doutrina cristã, além de ter muitos fundamentos presentes em outras religiões, tem do mesmo modo suas bases próprias que a distinguem e que possibilitaram a criação de uma filosofia da história da humanidade.

3.3 O tempo linear e a importância da liberdade divina e humana

Dentro da perspectiva linear, o momento inicial e o final da história foram determinados por Deus e dependem mais de sua ação do que

da ação do homem. Mas o desenvolvimento que essa história terá não está determinado, pois o desenrolar dela passa pela liberdade humana que a constrói. Assim, o homem constrói a sua história particular e por consequência adere ou despreza o sentido último da história em geral que é o próprio Cristo.

Conforme indica Henry Marrou (1989, p. 64):

Esta é, em definitivo, a última explicação do que chamamos mistério da história. Ela não está acabada, ela ainda está se fazendo e, precisamente nós trabalhamos para isso. Podemos confessar que ela tem um sentido e, graças à revelação, entrever o conteúdo global de seu movimento – recrutamento da Cidade dos Santos, crescimento do Corpo de Cristo (que é a sua Igreja) – mas não descrevê-la como uma coisa, um objeto colocado diante de nós.

De acordo com essa perspectiva da construção histórica pelo livre-arbítrio humano, pode-se dizer que o desenrolar da história é imprevisível num âmbito mais geral e que somente Deus sabe exatamente o que a humanidade viverá amanhã, como consequência de seus atos realizados hoje e de que forma isso entrará para a história.

Com esses fatos da liberdade humana dentro da história linear é possível já entrever algumas consequências: como a do tempo imprevisível e irreversível, que pode trazer ao homem que pensa nisso uma atenção maior ao seu modo de viver o presente, pois não pode prever de modo exato o que lhe acontecerá e nem mudar o que já se passou em sua vida, dado que cada momento é único. Isso pode trazer certa angústia para aqueles que pensam nos erros cometidos ou nos perigos que ameaçam a sua vida no futuro, como também traz uma vigilância e esperança otimista para aqueles que acreditam que a história terá um fim e que será sucedida por uma eternidade boa para aqueles que viverem bem.

Assim, dentro da linearidade o cristão suporta as tragédias presentes na história através da fé e da esperança num futuro melhor, o que traz

certo “otimismo trágico” para o seu modo de enxergar os fatos históricos (MARROU, 1989, p. 40), otimismo esse que é menos pessimista do que a visão grega antiga da história dentro do contexto cíclico.

Porém, quando na linearidade se suprime a ideia de Deus a tendência é que o homem que adere a essa supressão caia num terror da história ou no desespero, porque de acordo com Eliade (1992, 153), sem a ideia de Deus fica difícil para todo homem que é sincero consigo mesmo e que não está mais no mundo cíclico dos arquetípicos, justificar a história e suportar as tragédias da vida sem desesperar. “É um desespero provocado não por seu próprio existencialismo humano, mas por sua presença num universo histórico em que quase toda a humanidade vive tomada de um terror contínuo (ainda que não tenha consciência dele)” (ELIADE, 1992, p. 154).

A ideia de Deus dentro da linearidade traz ao homem uma liberdade baseada na fé que lhe garante uma emancipação “trans-histórica” das fatalidades da natureza e da sociedade (ELIADE, 1992, p. 154). Dessa forma, qualquer outra liberdade que descarte a ideia do divino não terá força o suficiente para dar ao homem uma autonomia verdadeira para construir a sua história sem temer os grandes problemas que ameaçam trazer a destruição de sua vida. Sobre as consequências dessa liberdade humana disse Jacques Maritain (1989, p. 124):

A primeira iniciativa sempre vem de Deus no caso do bem; e então, a iniciativa da liberdade criada, também ela, nasce da divina. Mas em razão do poder de recusa, que naturalmente faz parte de toda liberdade criada, a primeira iniciativa sempre vem da criatura no caso do mal.

Portanto no tempo linear, sem a pressuposição de que Deus existe e na sua liberdade conduz a história para um sentido pleno de realização no bem, fica difícil pensar que o homem seja também livre e possa construir a sua própria história de modo a se realizar e não a se destruir, uma vez que, de acordo com Maritain (1989, p. 124), mesmo que o homem faça o mal em sua liberdade, isso não abala os planos divinos que do mal pode tirar sempre um bem. Porém, quando esse pressuposto divino é tirado, a tendência é que se caia no terror da história ou num pessimismo niilista.

3.4 Resquícios e semelhanças entre o sistema cíclico e o linear cristão

Dentro da linearidade cristã é possível perceber alguns resquícios das teorias cíclicas que permeavam a noção de temporalidade dos povos antigos que eram adeptos dessas teorias. Porém, isso não significa que a forte oposição entre tempo cíclico e linear seja atenuada, dado que desde os primeiros tempos do cristianismo esses resquícios ou semelhanças com as doutrinas cíclicas já eram presentes, mas não diminuam o forte caráter retilíneo da doutrina cristã.

Um exemplo desses resquícios cíclicos dentro da linearidade cristã pode ser o ano litúrgico⁸. De fato, o ano litúrgico cristão baseia-se numa periódica e real celebração cíclica do nascimento, da paixão, morte e ressurreição de Jesus, com tudo o que esse drama místico implica para um cristão (ELIADE, 1992, p. 125).

Essa reiteração periódica dos fatos únicos da vida de Cristo, a semelhança dos ritos dos povos antigos, que celebravam a repetição dos momentos mítico-paradisíacos, tem por objetivo a regeneração da vida e por consequência também a abolição da história⁹, mas a renovação que o ciclo litúrgico propõe para o cristão é progressiva e tem como um de seus objetivos principais a celebração e atualização dos mistérios que Deus realizou e realizará na história humana e para além dela. Além disso, no cristianismo esse renovamento acontece de forma individual e interior em cada cristão, “pois o homem interior se renova dia a dia” (2Cor 4,16).

Acrescenta Eliade (1992, p. 125):

[...] O cristianismo traduz a regeneração periódica do mundo em uma regeneração do indivíduo humano. Mas, para aquele que comunga desse nunc (agora) eterno do reino de Deus, a história cessa de maneira tão total

8 Ano litúrgico: Calendário criado pela Igreja Católica, que marca os tempos do culto sagrado a Deus. Esse ano é composto por quatro grandes tempos baseados na vida de Cristo, (Natal, Quaresma, Páscoa e Tempo Comum), nos quais são fixadas datas celebrativas dos eventos que envolvem os mistérios de Deus.

9 Cf. 2.3 A abolição da história no tempo cíclico.

como cessa para o homem das culturas antigas, que consegue aboli-la periodicamente. Como consequência, para o cristão, também, a História pode ser regenerada, por e através de cada crente individual, mesmo antes da segunda vinda do Salvador, quando ela cessará de uma vez por todas, para toda a Criação.

Em outras palavras, a referida citação mostra que dentro da linearidade cristã é possível uma regeneração cíclica do homem que desejando a eternidade busca estar nela, participando do reino Deus¹⁰ que se faz presente na história de modo interior em cada cristão, abolindo assim a temporalidade periodicamente.

Uma semelhança comum às pessoas que aderem o sistema linear cristão e às pessoas que optam pelo sistema cíclico é o fato de que ambas buscam se defender ou pelo menos tolerar a história e justificar suas catástrofes por meio de sua abolição periódica, pela reiteração da cosmogonia, e pela aplicação de um sentido meta-histórico, o que torna a sua vivência menos trágica. “São essas mesmas justificações das catástrofes históricas que hoje ainda tornam a vida possível para dezenas de milhões de homens [...]” (ELIADE, 1992, p. 139), lembrando que, dentro da linearidade, a reflexão do cristianismo sobre a história é menos pessimista do que a de outras religiões cíclicas, e isso, dentre vários motivos, é devido à fé que os cristãos têm na redenção do gênero humano realizada por Cristo e na esperança de sua volta no final dos tempos ou no encontro com ele na hora da morte.

O final dos tempos dentro da linearidade cristã, visto como uma forma de renovação de todas as coisas é outro ponto em comum com as teorias cíclicas, já que nessas teorias geralmente se tem também a concepção de que a apocatástase, os cataclismos ou destruições precedem a regeneração plena de todas as coisas. Ademais, é claro que, de acordo com a linearidade cristã, a regeneração e a plenitude acontecerão de forma definitiva, enquanto que nos ciclos elas se repetirão, mas o ponto comum entre ambas as teorias está nessa certeza de que uma renovação plena de todas as coisas deve necessariamente acontecer. Assim, o adepto, seja da teoria linear ou da cíclica, percebe

10 Entendido aqui como a presença atual da pessoa de Jesus Cristo em cada cristão. Cf. Reino de Deus. In: MCKENZIE, John. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

que a duração de sua vida irá além do tempo meramente biológico.

Mesmo com esses poucos resquícios e semelhanças das teorias cíclicas presentes na linearidade cristã, as diferenças entre essas concepções permanecem ainda bem nítidas e serão essas diferenças que formarão os fundamentos das críticas que Agostinho fará às teorias cíclicas. Passemos, portanto, para esses fundamentos.

3.5 Os fundamentos da crítica de Agostinho ao tempo cíclico

Com esses pressupostos apresentados anteriormente, já é possível pensar, com mais propriedade, os fundamentos da crítica de Agostinho ao tempo cíclico. Tal crítica tem por objeto a doutrina filosófica cíclica dos neoplatônicos e sobre esses fundamentos disse Victorino Capánaga (1988, p. 50, tradução nossa)¹¹:

O progresso e o curso do tempo na *Cidade de Deus* se realizam segundo uma concepção retilínea e não cíclica do tempo. Esta é uma das ideias estruturais da História e filosofia de Agostinho. Para o cristianismo o curso do tempo se representa em uma linha ascendente, assim como para o pensamento grego em uma curva fechada ou em círculos que se repetem, porque tiveram preferência pela esfera e seu movimento circular, que é ordenada em si mesma segundo uma regra fixa e representa a forma perfeita e eterna, que aparece na imagem de um contínuo círculo. Daqui o porquê da expressão eterno retorno. Dilúvios ou conflagrações universais de fogo preparam

11 *Ipsis litteris: El progreso y el curso del tiempo en la Ciudad de Dios se realiza según una concepción rectilínea y no cíclica del tiempo. Esta es una de las ideas orgánicas de la historiosofía agustiniana. Para el cristianismo, el curso del tiempo se representa en una línea ascendente, así como para el pensamiento griego en una curva cerrada o en círculos que se repiten, porque tuvo preferencia por la esfera y su movimiento circular, que está ordenado en sí mismo según una regla fija y representa una forma perfecta y eterna, que aparece en la imagen de un eterno circular. De aquí el mito del eterno retorno. Diluvios de agua o conflagraciones universales de fuego preparan el retorno de las cosas a su estado primitivo y dan movimiento a la rueda circular de las existencias.*

O Tempo Cíclico e a História Linear em Agostinho

o retorno das coisas a seu estado primitivo e
dão movimento à roda circular das existências.

Como foi apontado na citação, Agostinho teve um pensamento diferente, que se baseou na história linear da salvação cristã, que é a concepção de que a história teve um início com a criação e terá um fim com a redenção final realizada por Jesus Cristo. Dado que Jesus, que é Deus, a partir de sua encarnação na história e depois com sua morte e ressurreição, abarcou em si todos os tempos realizando isso uma vez por todas.

Assim, para Agostinho, Cristo será o centro da história humana e conterà nele todo passado, presente e futuro, porque com sua vinda a eternidade entrou no tempo. Mas essa vinda não causou a destruição do tempo, pelo contrário, o remiu como explica Capánaga (1988, p. 53, tradução nossa)¹²: “A eternidade de Cristo não destrói o temporal, mas envolve os tempos: o passado com o presente, e o presente com o futuro, mas um futuro perfeito, que não terá necessidade de entrar em uma nova roda existencial”.

A possibilidade de pensar a junção da eternidade ao tempo foi algo muito difícil de ser concebido para os pensadores da antiguidade, de modo especial para os gregos, pois seus deuses, considerados eternos, não se encarnaram na história temporal da humanidade, eles só chegaram a fazer isso num tempo mítico, mas, a partir da revelação cristã, pensar nessa junção se tornou possível.

É certo que para os pensadores gregos mais profundos a vida temporal é considerada como uma reprodução da ordem do eterno, mas não conhece uma introdução do eterno no tempo, um contato do tempo com a eternidade. Isto foi mudado por completo com o Cristianismo (EUCKEN 1914, p.174 apud CAPÁNAGA, 1988, p. 54, tradução nossa)¹³.

12 *Ipsis litteris: Lo eterno de Cristo no destruye lo temporal, sino engarza los tiempos, lo pasado con lo presente, lo presente con lo futuro, pero un futuro perfecto, que no tendrá necesidad de engranarse en una nueva rueda existencial.*

13 *Ipsis litteris: Es cierto que para los pensadores griegos más profundos la vida temporal es considerada como una reproducción del orden eterno, pero no conoce una introducción de lo eterno en lo tiempo, un contacto del tiempo con la eternidad. Esto lo ha cambiado por completo el cristianismo.*

Um dos motivos que teria levado alguns filósofos gregos a sustentarem as teorias cíclicas, segundo Agostinho, foi essa dificuldade de pensar o eterno no tempo, visto que assim ficaria mais fácil empreender a tarefa de tentar entender as obras dos deuses limitando-as por meio desses ciclos que não dão possibilidade dessas obras serem criadas ao infinito, já que elas ficam sempre dentro dos limites desses ciclos, porém essas concepções acabam limitando a noção de Deus e gerando outros problemas que serão apontados mais à frente.

Nas doutrinas do eterno retorno, o sentido da história humana já é dado e fechado numa repetição constante, e por isso tanto as misérias como as alegrias não podem ser evitadas. Contrapondo-se a isso, Agostinho mostrou que tendo Cristo como centro, a história passou a ter um novo sentido, dessa maneira cada pessoa ganhou a possibilidade de mudar sua história e até de sair dela entrando para a eternidade em Deus. “Ele (Cristo) dá sentido e valor às ações humanas, liberando-as do tempo e selando-as com direito à eternidade” (CAPÁNAGA, 1988, p. 53, tradução nossa)¹⁴.

O novo sentido que Cristo deu à história está ligado também com a questão das almas dos homens, visto que, em muitas concepções filosóficas cíclicas, as almas constantemente se reencarnam para viverem em algum momento da história que depois se repetirá, como é o caso da metempsicose. Mas, na concepção linear cristã elas estão dentro de um plano único de redenção eterna, que pode ser aceito ou não por cada uma delas.

Outra questão importante é que nas doutrinas cíclicas os fatos históricos têm um peso menor que na concepção retilínea, pois esses fatos cíclicos não criam tanta surpresa, por melhores ou piores que sejam devido à previsão das eras, enquanto na linearidade eles trazem sempre um caráter de novidade, que deve ser encarado e vivido da melhor forma possível. “Por o tempo não ser circular, a história está cheia de novidades, e a máxima novidade, a novidade das novidades, e toda a novidade é a presença de Cristo no tempo ou se quiseres a *Cidade de Deus*” (CAPÁNAGA, 1988, p. 54, tradução nossa)¹⁵.

14 *Ipsis litteris: El da sentido y valor a las acciones humanas, liberándolas del tiempo y sellándolas con el derecho a la eternidad.*

15 *Ipsis litteris: Por no ser circular el tiempo, la historia está llena de novedades, y la máxima novedad, la novedad de las novedades, y toda novedad es la presencia de*

Esse fato da vinda de Cristo, porém, não foi uma consequência lógica da história, mas sim um dom de Deus que teve misericórdia da humanidade perdida no pecado e quis salvá-la. “[...] Cristo não é um produto necessário e lógico da ordem temporal dos acontecimentos, ele não está preso aos mesmos. Nem é um elo de uma ordem necessariamente causal” (CAPÁNAGA, 1988, p. 52, tradução nossa)¹⁶.

A partir desses fundamentos lineares da crítica de Agostinho, que advém em grande parte da filosofia cristã, é necessário agora explorar com mais profundidade os argumentos que ele usou em sua crítica.

3.6 Os principais argumentos de Agostinho contra o tempo cíclico

Dentro da crítica de Agostinho ao tempo cíclico presente no livro XII da *Cidade de Deus*, um dos argumentos mais evidentes é o fato de que para a concepção cristã o mundo, o homem e o tempo tiveram seu princípio em Deus a partir da criação e como foram criados, isso significa que eles não existiam na eternidade e também como criaturas que tendem para o nada, por não serem da mesma substância que Deus, eles não podem se renovar por si só em ciclos. Se o cosmo, o homem e o tempo permanecem até hoje é porque Deus os sustenta no seu ser e os conduz de forma linear para os seus respectivos fins.

E dentro dessa perspectiva da criação contra os que defenderam que nos ciclos Deus teria sempre uma vontade imutável por não criar nada de novo, enquanto que no tempo linear ele não poderia ser imutável por decidir criar coisas novas dentro da eternidade, Agostinho respondeu: “(Deus) Ele próprio eterno e sem começo – fez surgir o tempo a partir de um começo, e ao homem, que ainda não tinha feito, fê-lo no tempo, em virtude, não de uma decisão nova e imprevista, mas imutável e eterna” (1993, V. 2, L. 12, 15, p. 1115). Pois, de acordo com Agostinho (1993, V. 2, L. 12, 18, p. 1127), “Deus sabe atuar repousando – e repousar atuando. A sua obra nova pode aplicar um plano que não é novo, mas eterno”.

Cristo en el tiempo, o, si se quiere, la Ciudad de Dios.

16 *Ipsis litteris: Cristo no es un producto necesario y lógico del orden temporal de los acontecimientos, atrapado en el engranaje de los mismos, ni el eslabón de un orden necesario causal.*

Partindo para a questão sobre a ciência de Deus, alguns pensadores que defendiam o tempo cíclico pensavam que se Deus pôde criar coisas novas, esse número de coisas não podia ser infinito, pois assim a ciência de Deus não poderia ser plena, dado que a ciência é um saber limitado e específico sobre determinado objeto e não pode abarcar a infinidade. Aos que pensavam assim contra-argumentou Agostinho (1993, V. 2, L.12, 19, p. 1130): “Pois bem, se tudo o que a ciência abarca está definido e limitado pela compreensão do sábio, certamente que a infinidade é de certa maneira inefável, finita para Deus porque não é incompreensível para a sua própria ciência”.

E mostrando a inconsistência desse tipo de teoria sobre a ciência de Deus, Agostinho acrescentou que se a ciência de Deus fosse limitada igual à dos homens, ele não poderia prever e conhecer com profundidade as suas próprias criações. Disse Agostinho (1993, V. 2, L. 12, 19, p. 1130):

Por isso, se a infinidade dos números não pode ser infinita para a ciência de Deus que a contém, a essa infinidade – quem, afinal, somos nós, fracos homens, para ousarmos fixar limites à ciência divina, argumentando que, se as coisas temporais não se estão repetindo em ciclos periódicos, Deus na criação dos seres não é capaz de prever todos os que vai fazer, nem a todos conhecer depois de feitos?

Na referida citação se constata que a ciência de Deus abarca a infinidade e tudo pode criar e conhecer de forma plena. Por isso Deus, ao criar o mundo, dispôs tudo com peso medida e número (Sb 11,21) e segundo Agostinho (1993, V.2, L.12, 19, p. 1129), o próprio Platão, de forma limitada, chegou a constatar essa realidade.

Explorando ainda a questão sobre a ciência de Deus, Agostinho entrou assim no problema das almas dentro do tempo cíclico e apontou grandes controvérsias, já que, se o tempo fosse cíclico, o número de almas seria então limitado dado que os mesmos homens retornam novamente, seja ao mesmo corpo, seja para o de outro ser. E caso o número de almas seja infinito, como seria então possível negar que a ciência de Deus possa criar e conhecer novas almas? (AGOSTINHO, 1993, V.2, L.12, 21, p. 1137).

Assim, Agostinho criticou também a doutrina da metempsicose e a forma pela qual nela se acredita que almas passam da realidade temporal para a espiritual, pois em muitas concepções cíclicas as almas transitam entre essas realidades e dentre essas teorias algumas admitem a ideia de que a alma que atinge determinado estágio de perfeição é libertada e passa a viver num plano espiritual ou celeste por um período determinado. Citando o modo neoplatônico de pensar essas coisas, disse Agostinho (1993, V.2, L.12, 21, p. 1135): “O platônico Porfírio não quis seguir a opinião dos seus, acerca desses ciclos de infindas e alternantes idas e voltas das almas, impressionado pela vacuidade da hipótese ou respeitando já os tempos cristãos”.

É importante ter presente que na doutrina platônica e neoplatônica existe a possibilidade da alma se libertar e viver no plano espiritual por um grande período de tempo por meio da sabedoria, esse seria o caso da alma do filósofo, mas isso não exclui a volta dessa alma para o plano terrestre no qual, através de suas escolhas, ela passa a escapar de destinos desastrosos. Agostinho (1993, V.2, L.12, 21, p. 1136), mostrando essa possibilidade presente em várias dessas doutrinas, disse: “Dir-se-á que as almas libertadas já não voltarão ao seu estado de desgraça – mas isso nada traz de novo ao mundo porque, primeiro umas e depois outras, sempre foram libertadas, são-no e sê-lo-ão”. Assim, Agostinho critica a característica fechada e sem novidade dos ciclos platônicos e neoplatônicos.

Continuando esse problema das almas, Agostinho conclui: “Mas se o número das almas libertadas que já não voltarão ao seu estado de desgraça poderá aumentar sempre – pergunte-se àqueles cujos sutis raciocínios mais não pretendem que excluir a infinidade das coisas!” (AGOSTINHO, 1993, V.2, L.12, 21, p. 1137). Nesse trecho, Agostinho critica indiretamente também os estoicos e os pitagóricos, que defendiam que a repetição das coisas nos ciclos era exata e limitada e não podia sofrer variações.

A partir dessas controvérsias da alma no tempo cíclico, Agostinho introduziu um dos seus maiores argumentos contra essas teorias que são as condições para a felicidade. Assim, ele diz:

Desse jogo burlesco não pode escapar a alma imortal, mesmo que tenha alcançado já a sabedoria: sem parar encaminhar-se-ia para

uma falsa beatitude e, sem parar, voltaria a uma autêntica miséria. Como é que seria autêntica esta felicidade se a sua perenidade não é segura? (AGOSTINHO, 1993, V.2, L. 12, XIV, p.111).

Agostinho mostrou assim que a eternidade é um dos pressupostos para que alma alcance a felicidade verdadeira. “Porque se a alma, livre de ter que voltar às desgraças, é libertada como nunca antes o fora, produz-se então nela algo que antes jamais tivera lugar, e algo de muito importante, quero dizer, uma felicidade que jamais acabará, porque é eterna” (AGOSTINHO, 1993, V.2, L.12, 21, p. 1135).

Já vimos que para Agostinho a felicidade é a posse segura do sumo bem que é Deus, e por isso aos filósofos que disseram que é possível alcançar isso no tempo cíclico ele questionou:

Se, porém, disserem que ninguém poderá alcançar aquela felicidade sem conhecer nesta vida aqueles ciclos em que alternam a felicidade e a desgraça – como é que afirmam que, quanto mais cada um amar a Deus, tanta maior facilidade terá em chegar à felicidade ao mesmo tempo em que ensinam doutrinas que entorpecem esse amor? E quem não sentirá que o seu amor a Deus se debilita e se apaga ao pensar que terá de abandoná-lo irremediavelmente e ao sentir-se em oposição à sua vontade e à sua sabedoria? (AGOSTINHO, 1993, V.2, L.12, 21, p. 1134).

E como também para Agostinho a verdade é outro pressuposto da felicidade, ele proclamou a falsidade das teorias cíclicas nas quais a beatitude é inconsistente e ligou essa beatitude às promessas de Deus. Vejamos: “Mas tudo isto é falso. Proclama-o a piedade, demonstra-o a Verdade, esta, com efeito, promete-nos sinceramente a verdadeira felicidade cuja segurança é garantida para sempre e não deve ser interrompida por desgraça alguma” (AGOSTINHO, 1993, V.2, L. 12, 21, p. 1135).

E tratando dessas promessas divinas, Agostinho mostrou que uma das promessas que Deus fez ao homem é a vida eterna, pois Deus

não deseja que o homem permaneça no tempo, mas que ele viva na eternidade. “E como prometeu Ele isso, tratando-se de uma promessa aos homens que ainda não existiam antes dos tempos eternos, senão porque na sua eternidade e no seu Verbo, com Ele coeterno, já estava predestinado e fixado o que a seu tempo havia de acontecer?” (AGOSTINHO, 1993, V.2, L. 12, 17, p. 1123). Portanto, as teorias cíclicas do tempo não estão de acordo com as promessas divinas.

Dentre as muitas promessas que Deus fez aos homens, a maior foi a da encarnação de Cristo que veio na história para salvar a humanidade decaída pelo pecado. E de acordo com Agostinho (1993, V.2, L. 12, 17, p. 1112), o tempo cíclico é incompatível com a vinda de Cristo: “Longe de nós, eu vo-lo digo, acreditar em tais coisas (as teorias cíclicas). Cristo morreu uma só vez pelos nossos pecados, mas tendo ressuscitado dos mortos, não morrerá mais e a morte não voltará a dominá-lo (cf. Rm 6, 9)”.

Agostinho mostrou assim a concepção cristã de que Cristo é o centro da história e que sua vinda aqui foi um evento único e singular que aconteceu num lugar e num tempo determinado por Deus e isso é inconciliável com o tempo cíclico, no qual os fatos se repetem. Esse argumento de Agostinho, junto com o da felicidade, são as duas maiores objeções que ele antepôs a essas teorias cíclicas. Pode-se dizer, portanto, que essas objeções foram os principais fundamentos dos quais Agostinho se serviu para formular as suas críticas ao eterno retorno.

Foi através de pensadores como Agostinho que o cristianismo pôde expandir para o mundo a sua filosofia linear da história e prevalecer sobre as teorias cíclicas, principalmente no Ocidente. Portanto, para expressar a síntese dessa contribuição de Agostinho e de muitos outros, que se dedicaram à discussão que é o tema deste presente trabalho, encerraremos este capítulo com as palavras de Jacques Maritain (1962, p. 18):

O cristianismo ensinou-nos que a História tem um sentido, que a história trabalha numa determinada direção. A História não é um eterno retorno, não se move em círculos. O tempo é linear, não cíclico. Esta verdade constitui uma aquisição capital para o pensamento humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado todo conteúdo que já foi exposto cabe agora uma pequena síntese que nos permita enxergar o trajeto total que foi percorrido até aqui, para refletirmos a partir do olhar de Agostinho, sobre os anseios que levam homens a viverem sua história tanto na perspectiva cíclica como na linear.

Para Agostinho, o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus em um tempo, e cada pessoa criada no tempo passa a fazer parte da história da humanidade, que teve início na criação do primeiro homem e que se completará no final dos tempos, com a redenção definitiva dos homens que fizeram parte da *Cidade de Deus*, e com a danação perpétua dos homens que forem da cidade terrena.

Essa determinação divina em relação ao sentido último da história não implica que o destino de cada homem esteja também já determinado por Deus, visto que Deus, em sua liberdade, criou o homem livre, à sua imagem e semelhança, para que este possa acolher ou não a salvação que lhe foi conquistada por Jesus Cristo. Por isso, o destino final de cada homem dependerá também do uso de sua liberdade ao longo da vida e tal destino não é desconhecido por Deus.

Ademais, um princípio e um fim atemporal determinam então o tempo histórico da humanidade, que surgiu e se completará a partir dos desígnios eternos de Deus. Podemos então entrever a ligação entre o tempo e a eternidade que em Agostinho são dois conceitos bem distintos que se relacionam. O tempo, em seu sentido histórico, mede o movimento da contingente humanidade ferida pelo pecado, enquanto a eternidade como totalidade imóvel, sem princípio e nem fim, é um dos atributos de Deus que se fez homem e entrou na história para salvar a humanidade.

Além disso, segundo Agostinho, todo homem foi criado com o anseio de felicidade e tal felicidade consiste na posse segura do sumo bem, que é o próprio Deus. Mas, enquanto caminha na história, o

homem não consegue ter a posse definitiva de Deus, pois isso só será possível nos céus, quando este participar da glória divina. Por isso o homem, quando busca em Deus sua felicidade necessariamente está buscando também uma estabilidade eterna e mesmo aqueles que não buscam a sua felicidade em Deus, desejam também ser felizes de modo permanente, mas, como colocam a sua felicidade em bens inferiores e peremptórios, estes não poderão satisfazer seus anseios de beatitude de forma eterna.

Depois desses pressupostos do pensamento de Agostinho, vimos o que são as teorias do tempo cíclico ou do eterno retorno, constatamos que são teorias que existem desde os homens primitivos e que tiveram um início mítico-religioso. Verificamos também que elas formavam o plano de fundo de muitas culturas antigas e foi na cultura grega que essas concepções alcançaram uma relação mais estreita com a filosofia. Isso porque essas teorias receberam um aprimoramento dos sábios pré-socráticos e mais tarde se tornaram a base de complexos sistemas filosóficos dos pensadores do período clássico da filosofia grega.

Também foram verificadas as características comuns das teorias cíclicas antigas que são: a visão cíclica da história em relação à sua duração, a repetição do momento mítico da geração do cosmo e do homem através de ritos, símbolos e construções; as eras boas e ruins associadas ao princípio ou ao fim dos ciclos; a abolição da história em vista de uma existência menos trágica num tempo sem limites; e por fim, a renovação da vida através da reiteração cotidiana dos gestos arquetipos primitivos, que são modelos para as ações dos homens.

Devido à fácil constatação empírica dos ciclos naturais (das estações do ano, da vegetação, dos astros etc.) e devido também à influência da cultura filosófica grega, as concepções cíclicas sempre foram retomadas no decorrer da história. Essas teorias formaram a base estrutural de muitos sistemas filosóficos, teológicos, científicos e até econômicos e assim sobrevivem até os nossos dias atuais.

Mas, a expansão das teorias cíclicas foi diminuída com o advento da visão linear da história que teve início no povo judeu. Visão linear essa que surgiu a partir da consciência que o povo israelita teve da manifestação de Deus na história e também desde as revelações proféticas das promessas da vinda de um messias salvador. Depois dos judeus, o povo iraniano foi também um dos geradores da visão linear,

porque tal povo acreditava também no fim da história e num paraíso eterno vindouro.

Herdando então a teoria linear do povo judaico, foi o cristianismo que a desenvolveu e a expandiu de modo mais amplo, e isso se deu através da evolução do pensamento cristão a respeito da encarnação, morte, ressurreição e também das doutrinas escatológicas de Cristo. Essa encarnação de Jesus na história foi um fato único que não será mais repetido, porque Cristo veio num tempo e num lugar determinado para remir e salvar os homens de todos os tempos e lugares que aceitarem a sua salvação.

Sendo assim, a doutrina cristã tem sua teoria linear própria e é caracterizada por ter Cristo como princípio e fim da história. Ele é o sentido último da história, porque “por ele e para ele todas as coisas foram feitas” (Cl 1,16). Dessa maneira, todo homem, por meio de suas ações livres, necessariamente mostrará no final de sua vida se foi a favor ou contra Jesus Cristo.

Além disso, o pensamento linear cristão desde o seu início sempre foi oposto às teorias cíclicas da história, e tal oposição foi ficando mais clara com a apuração filosófica dos princípios lineares feita pelos primeiros santos padres da Igreja. Foi então com Agostinho que o pensamento linear cristão foi sistematizado dentro de uma inédita filosofia da história na obra *A Cidade de Deus*. Desse modo, com a expansão dessa filosofia da história cristã, as teorias cíclicas foram contestadas e ficaram à margem do pensamento filosófico e mesmo quando foram retomadas por algum autor elas já não tinham mais a força que elas possuíam na antiguidade.

Agostinho criticou profundamente as teorias cíclicas neoplatônicas e a partir disso expandiu também a sua crítica a todas as concepções cíclicas anteriores. Ele fez isso se fundamentando primeiramente na doutrina cristã, como também nas questões fundamentais de filosofia para mostrar a inconsistência do tempo cíclico. Para isso expôs como argumento no livro doze de *A Cidade de Deus*: a tendência ontológica do homem e do cosmo para o nada; a imutabilidade de Deus e o seu repouso ativo para cumprir os seus desígnios eternos; a ciência não limitada de Deus que abarca o infinito; a criação constante de novas almas para uma vida única num corpo; e por fim a libertação definitiva dos homens.

Todos esses argumentos de Agostinho contra o tempo cíclico foram explorados baseados em dois fundamentos principais que são o acontecimento único da encarnação de Jesus Cristo, ou seja, a entrada do eterno na história da humanidade e a necessidade da eternidade para a felicidade plena de todo homem.

Portanto, partindo desses pressupostos lineares de Agostinho contra as teorias cíclicas e também dos princípios cíclicos constatados por Eliade, podemos dizer que a criação do mito do tempo cíclico pelo homem primitivo estava ligada à saudade que este tinha de um paraíso perdido e ao seu anseio de felicidade eterna, desejos estes que estão presentes também no homem de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi com a colaboração de Maurice Cunio et al. 2ª ed. São Paulo: MESTRE JOURNAL, 1962.

AGOSTINO. **Dizionario Enciclopédico**. Edizione italiana a cura di Luigi Alici e Antonio Pieretti. Roma: Città Nuova, 2007.

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Trad. de José Dias Pereira. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1993. Vol. I.

_____. **A Cidade de Deus**. Trad. de José Dias Pereira. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1996. Vol. II.

_____. **A Cidade de Deus**. Trad. de José Dias Pereira. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1995. Vol. III.

_____. **A graça II**: a graça e a liberdade; a correção e a graça; a predestinação dos santos; o dom da perseverança. Tradução de Agustino Belmonte. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1992. V. 13.

_____. **A trindade**. Tradução de Agustino Belmonte. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1994. V. 7.

_____. **Comentário ao Gênesis**. Tradução de Nair de Assis Oliveira, Vicente Rabanal. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2005. V. 21.

_____. **Confissões**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1997. V. 10.

_____. **La Ciudad de Dios**. Traducción de Santos Santamarta Del Río Y Miguel Fuertes Lanero. Madrid: BAC, 1988. V. 1.

_____. **La Ciudad de Dios**. Traducción de Santos Santamarta Del Río Y Miguel Fuertes Lanero. Madrid: BAC, 1988. V. 2.

_____. **O livre arbítrio**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. V. 8.

_____. **Solilóquios e vida feliz**. Tradução de Nair de Assis Oliveira, Adaury Fioritti. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1998. V. 11.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português, São Paulo: Paulus, 2010.

CALVO, Teodoro Madrid. In: AGOSTINHO. **La Ciudad de Dios**, San Posidio: Vida de San Agustín. Traducción de Santos Santamarta Del Río Y Miguel Fuertes Lanero. Madrid: BAC, 2013.

CAPANÁGA, Victorino. In: AGOSTINHO, **La Ciudad de Dios**. Traducción de Santos Santamarta Del Río Y Miguel Fuertes Lanero. Madrid: BAC, 1988. V. 1.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2002.

CRUZ CRUZ, Juan. **Filosofia da história**. Tradução de Fernando Marquezini. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2007.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**; tradução José A. Ceschin. São Paulo: Mercury, 1992. Disponível em: <http://inspirasi.co/jbcontents/14265243278299750_o_mito_do_eterno_retorno.pdf>. Acesso em: 23 de agosto de 2015.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução: Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Paulus, 2006.

LEÃO XIII, Papa. **Epistola: Saepenumero Considerantes**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1883. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/it/letters/documents/hf_l-xiii_let_18830818_saepenumero-considerantes.pdf>. Acesso em: 02 de Novembro de 2016.

MARITAIN, Jacques. **Sobre a Filosofia da História**. São Paulo: Editora Herder, 1962.

MARROU. Henri-Irénée. **Teologia da História**: O sentido da caminhada da humanidade através da temporalidade. São Paulo: Vozes, 1989.

MCKENZIE, John. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

MORA, José Ferrater. **Dicionário De Filosofia**. Tradução: António José Massano e Manuel Palmeirim. Publicações Dom Quixote Lisboa: 1978. Disponível em: <<http://www.portalconservador.com/livros/Jose-Ferrater-Mora-Dicionario-de-Filosofia.pdf>>. Acesso em: 30 de agosto de 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas: Assim Falou o Zarathustra; Além do Bem e do Mal; A Gaia Ciência**. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio de Antônio Cândido. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PLATÃO. **A República**. Edição eletrônica. Disponível em: <http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf>. Acesso em: 16 de julho de 2016.

_____. **DIÁLOGOS: O Banquete – Fédon – Sofista – Político**. Tradução de José Cavalcante de Souza (O Banquete), Jorge Paleikat e João Cruz Costa (Fedón, Sofista, Político). São Paulo: Abril Cultural, 1972.

_____. **Timeu-Crítias**. Tradução do grego, introdução e notas de Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – Universidade de Coimbra, 2011.

QUINN, John M. In: Verbete Tempo – AGOSTINO. **Dicionário Enciclopédico**. Edizione italiana a cura di Luigi Alici e Antonio Pieretti. Roma: Città Nuova, 2007.

_____, John M. In: Verbete Eternidade – AGOSTINO. **Dicionário Enciclopédico**. Edizione italiana a cura di Luigi Alici e Antonio Pieretti. Roma: Città Nuova, 2007.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Os sentidos do tempo: o tempo histórico, filosófico, cotidiano**. São Paulo: Ideia e letras, 2016.

SOUZA, Mariana Rossetto; PEREIRA MELO, José Joaquim. A Educação Em Santo Agostinho: Processo De Interiorização Na Busca Pelo Conhecimento. In: **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE; III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. Paraná: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1937_1302.pdf>. Acesso em: 25 de março de 2016.

STRATHERN, Paul. **Santo Agostinho em 90 Minutos**. Tradução: Maria Helena Geordane. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1999. Disponível em: <<http://lelivros.online/book/download-santo-agostinho-em-90-minutos-paul-strathern-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 31 de março de 2016.